

KRISNA CRISTINA DA COSTA

**O PAPEL DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES NA FORMAÇÃO DE LEITORES
LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: uma investigação das
ações dos mediadores de leitura**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Passos Pinheiro

Belo Horizonte

2019

*Dedico este trabalho ao meu querido pai,
Roberto Martins da Costa (in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à instituição escolar onde realizei minha pesquisa, à direção, à coordenação, às crianças, à professora e aos funcionários, meus sinceros agradecimentos, pois sem eles não seria possível a realização deste trabalho.

À Profa. Dra. Marta Passos Pinheiro, pela orientação, pelo respeito, pela competência e pelo contato sempre acolhedor.

Ao Prof. Dr. Vicente Parreiras, ao Prof. Dr. Guilherme Trielli, ao Prof. Dr. Hércules Toledo e ao Prof. Dr. Mário Alex Rosa, pelas valiosas contribuições.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), pelas contribuições nas disciplinas cursadas durante o mestrado.

Ao amigo Geraldo Viana, que me estimulou a estudar e seguir em frente na minha caminhada acadêmica.

Ao amigo em especial José Teófilo, pessoa especial que conheci ainda quando cursava disciplinas isoladas do mestrado, pelas conversas, pelo incentivo e pelo apoio.

Às minhas amigas Oara Saldanha, Janaína Maia e Cinara Guimarães, por compartilharem e vivenciarem comigo as experiências do mestrado.

Aos meus familiares, especialmente minha mãe querida, Alda, pela presença constante em minha vida, e ao meu irmão, Lucas, parceiro e amigo para todas as horas.

Ao Lucas Gabriel, que é um sol em minha vida, pelo carinho e pela alegria!

Agradeço, sobretudo, a Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade de enxergar a vida com outros olhos!

“Nós falamos para a criança ler, mas ela não tem livros em casa. Como se não bastasse, o pai, a mãe e os avós só assistem à televisão. A criança é um ser da imitação, é esperta e quer ser igual ao adulto. Se a sociedade não é leitora, acho muito difícil a criança gostar de ler. Nem mesmo o professor é leitor. E professor que não tem ‘hálito’ de leitura não pode formar hábito de leitura.” (Bartolomeu Campos de Queiroz)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como as ações dos mediadores de leitura na biblioteca escolar contribuem para a formação de leitores literários no terceiro ano do ensino fundamental em uma escola municipal localizada na cidade de Contagem, Minas Gerais. Participaram desta pesquisa a professora regente da turma, 15 estudantes do terceiro ano e a auxiliar da biblioteca. Buscou-se dialogar com as concepções teóricas e as práticas que sustentam a formação de leitores nessa fase de aprendizado, levando-se em conta os processos de alfabetização e letramento literário na prática escolar. A fundamentação teórica se baseia numa concepção sociocultural de alfabetização, ampliada para o conceito de letramento e letramento literário. Como metodologia, propõe-se um estudo de caso. Para a coleta e a análise dos dados, foram utilizadas a observação da mediação da leitura na biblioteca escolar e a realização de entrevistas semiestruturadas com os participantes da pesquisa. Os principais referenciais teóricos adotados, relevantes para o trabalho principalmente por abordar a democratização da leitura, aqui estão representados por Soares (2002, 2011), Lajolo (2003, 2008) e Paulino (2004, 2010). Este estudo aponta para a relevância de se conhecer e analisar a realidade da escola pública, o cotidiano da biblioteca escolar, as práticas de leituras desenvolvidas nesse espaço, os sujeitos envolvidos no processo de formação de leitores e quais as ações realizadas na biblioteca que contribuem para a formação dos leitores.

Palavras-chave: Formação de leitores; Biblioteca escolar; Letramento literário.

ABSTRACT

This research proposes as a theme the investigation of how the actions of the mediators of reading in the school library contribute to the formation of literary readers at elementary school. The basic objective is to dialogue with the theoretical and practical conceptions that support the formation of readers in this school phase, taking into account the processes of literacy, literary literacy and multiliteracies in school practice. The theoretical frame is based on a sociocultural and anthropological conception of literacy. The target audience to this study will be students of the third level of elementary school in a public and private school in Contagem city, Minas Gerais. As methodology, a case study is proposed. For data collection and analysis, the observation of mediation of reading in the school library, the analysis of documents and semi-structured interviews will be used. The main theoretical references adopted, relevant to the work mainly addressed by the democratization of reading, are represented here by Soares (2002, 2011), Lajolo (2003, 2008) and Paulino (2004, 2010). This study points to the relevance of knowing the reality of schools, the daily life of the school library, the reading practices developed in this space, the subjects involved in the process of formation of readers and what actions are carried out in the school library that contribute to the formation of small readers.

Keywords: Readers formation; School library; Literary literacy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

PISA – Programa Internacional de Avaliação de Alunos

PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLL – Política Nacional do Livro e da Leitura

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – DISPOSIÇÃO DOS LIVROS NA BIBLIOTECA	54
FIGURA 2 – GIBITECA	55
FIGURA 3 – MURAL DA BIBLIOTECA	60
FIGURA 4 – CONFECÇÃO DO JARDIM POÉTICO.....	68
FIGURA 5 – DRAMATIZAÇÃO DA HISTÓRIA	69
FIGURA 6 – ÁRVORE DOS SONHOS	74
FIGURA 7 – PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA	74
FIGURA 8 – PRODUÇÕES DE TEXTO	75
QUADRO 1 – O QUE OS ALUNOS FAZEM NA BIBLIOTECA	48
QUADRO 2 – EMPRÉSTIMOS DE LIVROS	49
QUADRO 3 – ENCANTAMENTO POR UMA OBRA LIDA.....	51
QUADRO 4 – ATIVIDADES RELACIONADAS COM A LEITURA.....	53
QUADRO 5 – RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2018, BIBLIOTECA	59
QUADRO 6 – AVALIAÇÃO DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO ORAL	66
TABELA 1 – METAS PROJETADAS	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA.....	16
2.1	Da alfabetização ao letramento literário	16
2.2	O conceito de mediação	22
2.3	A biblioteca escolar	30
3	ABORDAGEM METODOLÓGICA	35
3.1	Contextualização da pesquisa	37
3.2	Histórico da escola, organização e perfil	40
3.3	Métodos de coleta e análise de dados	41
4	AS PRÁTICAS DE LEITURA NA BIBLIOTECA COM OS ESTUDANTES.....	43
4.1	Mediadores de leitura	43
4.2	Perfil dos alunos	47
4.3	Caracterização da biblioteca escolar	55
4.4	Práticas de leitura literária	62
4.5	Práticas de leitura literária com fins utilitário-pedagógicos.....	63
4.6	Práticas de leitura literária que promovem o letramento literário.....	67
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	83
	ANEXO A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A PROFESSORA	86
	ANEXO B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A AUXILIAR DE BIBLIOTECA	87
	ANEXO C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ALUNOS	88

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender o papel das bibliotecas escolares na formação de leitores literários no ensino fundamental por meio das ações desempenhadas pelos mediadores de leitura – auxiliares de biblioteca e professora – nesse ambiente escolar. Sabe-se que apenas permitir o acesso dos alunos aos livros da biblioteca não garante a formação de leitores literários. Atualmente, um dos maiores desafios da escola pública brasileira é garantir aos estudantes o domínio e as habilidades básicas da leitura e da escrita.

A leitura literária é uma prática importante e deve ser despertada em leitores em formação mediante as ações dos mediadores. As estratégias desenvolvidas por esses mediadores de leitura possibilitam ao leitor a construção de habilidades relativamente mais simples até as mais sofisticadas, levando em consideração uma compreensão da leitura e da escrita como práticas sociais.

Muitos programas de distribuição de livros, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)¹, suspenso em 2015, e o atual PNLD Literário², são direcionados à aquisição e à distribuição das obras literárias nas escolas públicas, desde a educação infantil até o ensino médio. Essa distribuição favorece o contato dos estudantes com os livros, mas somente favorecer não assegura a prática de leitura literária para a formação de um leitor eficiente.

Apesar da ampliação do acesso aos livros literários promovida nas últimas duas décadas pelas políticas públicas, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que possibilitou o aumento na quantidade de obras nos acervos das bibliotecas escolares, esse investimento ainda não corresponde nem garante a formação de um leitor proficiente³. De acordo com os dados estatísticos do censo escolar da educação básica (INEP, 2017), somente 80% das escolas possuem biblioteca ou uma sala de leitura. De acordo com esse dado do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), é necessário expandir o ambiente da biblioteca escolar pelo país, pois na região norte e nordeste, por exemplo, há um déficit

¹ O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi implementado em 1997 com “o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência”. O programa foi ampliado na primeira década do século XXI. Em 2015, foi suspenso e, após o golpe de 2016, não foi retomado. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 10 maio 2018.

² Esse programa substituiu o PNBE e, como o próprio nome indica, faz parte do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), responsável pela avaliação, compra e distribuição de livros didáticos para as escolas públicas brasileiras.

³ De acordo com o glossário do Ceale, leitor “proficiente” é aquele que não só decodifica as palavras que compõem o texto escrito, mas também constrói sentidos de acordo com as condições de funcionamento do gênero em foco, mobilizando, para isso, um conjunto de saberes sobre a língua. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitor-proficiente>. Acesso em: 22 maio 2018.

significativo. Segundo a lei n. 12.244/2010 (BRASIL, 2010), todas as instituições públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do país contariam com bibliotecas até o ano de 2020, mas em 2015 as verbas do governo federal foram suspensas.

Soares (2002) defende a democratização da leitura literária considerando-a como condição para a democracia cultural e como instrumento de democratização do ser humano.

A leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes – compreensão e tolerância são condições essenciais para a democracia cultural. A leitura literária democratiza o ser humano porque traz para seu universo o estrangeiro, o desigual, o excluído, e assim nos torna menos preconceituosos, menos alheios às diferenças – o senso de igualdade e de justiça é condição essencial para a democracia cultural. (SOARES, 2002, p. 31)

Embora a referida autora seja favorável à democracia cultural, sabemos que a desigualdade de acesso à leitura e a bens culturais é grande em nosso país. Assim, nos últimos anos, algumas ações das áreas educacional e cultural contribuíram para democratizar a leitura, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), ações de promoção da leitura e de formação do leitor, entre outras.

Constata-se que o investimento sistemático, feito por meio das políticas públicas na distribuição de obras literárias em anos anteriores, resultou em ampla cobertura, com distribuição de número significativo de livros para os estudantes. Ora, se a distribuição de livros nas escolas foi consolidada, as iniciativas de acompanhamento e incentivo à leitura bem como sua sistematização requerem um consequente investimento na formação de mediadores de leitura.

Nesse contexto, constata-se que é imprescindível que a leitura literária esteja presente no cotidiano escolar. Para que haja êxito na formação de um leitor, é importante repensar a prática do trabalho com a literatura e o letramento literário na instituição escolar. Além disso, o papel do mediador é imprescindível para que as crianças tenham contato com os livros de literatura nos primeiros anos do ensino fundamental e tomem gosto pela leitura. Portanto, a fim de que o mediador desempenhe seu papel com qualidade, é necessário que, além da distribuição dos livros, haja um investimento em formação de mediadores de leitura.

Para Paulino (2007), a leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. Para a autora, o gosto e o sentido da leitura são construídos apenas quando há uma interatividade na ação do leitor com o texto lido, estabelecendo uma espécie de

diálogo. Logo, a formação de leitores se desenvolve o tempo todo, ao longo da vida, através de suas próprias leituras, em diferentes situações práticas vívidas.

Considerando que o gosto pela leitura se constrói por meio de um longo processo de experiências leitoras, é necessário que haja na escola um ambiente adequado para a leitura. A biblioteca escolar pode ser um espaço de formação de leitores, objetivando promover o letramento literário e uma sensibilização do leitor de maneira que haja expansão do repertório de leitura. Esse espaço precisa auxiliar os professores em suas aulas, pode ser também um lugar de convivência, de exposição de trabalhos, teatro, leitura de poemas, visita de autores e divulgação de obras.

A biblioteca escolar pode favorecer um trabalho significativo para práticas de leitura que possibilitem uma interlocução do leitor com o mundo, pois esse espaço tem uma tarefa político-pedagógica de extrema importância e pode oferecer amplas possibilidades de enriquecimento ao processo de formação do leitor desde o acesso aos livros literários até o incentivo à leitura literária para então ser formado um hábito de leitura. Desse modo, é importante que a atividade desenvolvida pelo mediador no espaço da biblioteca escolar envolva práticas prazerosas que levem as crianças aos livros, despertando inicialmente o prazer pela leitura e posteriormente alcançando o êxito de formar cidadãos com experiências significativas de leitura, o que contribui também para a construção de uma visão crítica do mundo.

Nesse sentido, a escolha do tema da pesquisa está relacionada a motivações pessoais e ligadas às trajetórias acadêmica e profissional. A experiência profissional como educadora de uma turma de ensino fundamental (segundo ano), em uma instituição privada na cidade de Contagem, tem me apresentado que não basta colocarmos os livros à disposição das crianças, é necessário proporcionar mediações de leitura literária no ambiente escolar, o que exige ações qualificadas. Muito mais do que oferecer livros literários variados, é necessário que haja um planejamento de atividades que possibilitem a interação entre leitor, texto e contexto. Além disso, outros elementos nessa mediação são essenciais como: leituras, releituras, extrapolação rumo à construção de uma comunidade que troca experiências leitoras acerca das obras lidas e que constrói um percurso próprio, inicialmente auxiliado pelos mediadores de leitura e, posteriormente, com autonomia.

Dessa forma, as razões para a escolha desse tema de pesquisa são:

- o importante papel da leitura na escola, como parte integrante do processo de alfabetização e de letramentos e a importância do livro de literatura para a formação de leitores críticos;

- o fato de o Brasil não ser ainda um país de leitores, situação determinada por fatores sociais, econômicos e culturais e observada em avaliações como Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos). Existem no país algumas iniciativas por parte da política pública para promover a leitura, mas isso não garante a formação de leitores proficientes;
- a disponibilização nas escolas públicas, nas últimas décadas, de livros literários diversificados e de boa qualidade, devidos a políticas públicas, como o PNBE;
- a importância da biblioteca escolar e dos mediadores de leitura, nesse espaço, para a formação de leitores literários. As mediações da leitura exercem um papel importante no desenvolvimento do gosto ou da repulsa pela leitura.

No Banco de Teses e Dissertações da Capes, encontra-se registrado, no período de 2015 a 2017, um número expressivo de teses e dissertações sobre mediação de leitura, letramento literário e formação de leitores. A maioria das pesquisas concentra-se nas áreas de Letras, Educação, Psicologia e Ciência da Informação.

São as diversas teorias e propostas metodológicas que embasam os estudos acadêmicos envolvendo mediação da leitura, letramento literário e formação de leitores. Essa gama de diversidade de trabalhos envolve conhecimentos relacionados a linguagens, educação, concepção sociocultural, antropológica, além do papel central do letramento. Desse modo, para ampliar este estudo, é válido ressaltar algumas pesquisas realizadas sobre esse tema que trazem contribuições para o estudo aprofundado sobre letramento literário.

O trabalho intitulado “O programa de bibliotecas da rede municipal de educação de Belo Horizonte: caminhos para uma política de formação de leitores”, dissertação de Sterlayni Aparecida Duarte de Oliveira Coimbra, destaca a biblioteca como um espaço de produção para as práticas de leitura. Ele apresenta um estudo sobre a formação escolar do leitor, demonstrando a importância do planejamento do ensino da leitura por meio de diversas estratégias.

Juliana Alves Moreira, em sua dissertação de mestrado, intitulada “Práticas educativas bibliotecárias de formação de leitores: um mapeamento de suas iniciativas e articulações na rede municipal de Belo Horizonte”, toca mais diretamente nas práticas existentes na biblioteca escolar, extrapolando o discurso da inexistência do trabalho relativo à leitura e à formação do leitor.

A dissertação de Cleide de Araújo Campos, intitulada “Letramento literário e bibliotecas escolares: uma pesquisa exploratória no município de Ouro Preto”, aborda o uso das bibliotecas escolares para o letramento literário de alunos do ensino fundamental. A pesquisa

foi realizada no município de Ouro Preto e visava contribuir para o alargamento dos estudos sobre o letramento literário, identificando o uso da biblioteca escolar. Os resultados do estudo apontaram que é necessário inserir a biblioteca escolar como pauta nas discussões sobre a melhoria do ensino e da formação de leitores no Brasil, além disso, que é necessário pensar a biblioteca escolar como um espaço educativo e ativo visando à formação de leitores.

Já o trabalho de Sandra Miranda Brito, intitulado “Estratégias bem-sucedidas de ensino na formação do leitor literário”, apresenta como tema o letramento literário pela perspectiva da formação de leitores literários do ensino fundamental, tendo como principal influenciador e mediador o professor de língua portuguesa. O objetivo desse estudo foi compreender a dimensão que envolve os aspectos da leitura a partir da investigação de formas e mecanismos de driblar as barreiras impostas por condicionantes políticas ao método de ensino. Esse estudo apontou que as estratégias de sucesso na formação do leitor literário são consideradas como fator determinante para compreender o sucesso, em âmbito escolar, da participação do professor como mediador e influenciador na permanência da leitura na vida do aluno. Uma vez que fora do muro da escola as chances de um leitor se formar caem, há um distanciamento entre o objeto literário e o leitor à medida que o hábito se perde para outras atividades da vida diária do jovem.

Sendo assim, a pesquisa feita na biblioteca escolar tendo como contribuição a ação dos mediadores de leitura literária para a formação de leitores literários no ensino fundamental em uma escola pública municipal da cidade de Contagem, com uma turma de terceiro ano, pode apontar caminhos para uma possível integração do espaço da biblioteca escolar ao projeto político pedagógico da escola e das ementas das disciplinas escolares. Para isso, pensar a formação progressiva do leitor de literatura a partir da sensibilização para o universo literário e do desenvolvimento de competências básicas até chegar às mais sofisticadas que formam um leitor crítico é primordial. Além disso, observar a prática em uma escola municipal pode ser uma oportunidade de valorizar o que acontece no contexto escolar relativo à formação de leitores na qual os estudantes apresentam condições socioeconômicas desfavoráveis.

A pesquisa que propomos busca compreender o papel das bibliotecas escolares na formação de leitores literários no ensino fundamental, por meio das ações desempenhadas pelos mediadores de leitura (bibliotecários, auxiliares de biblioteca e professores regentes) no ambiente escolar. A biblioteca escolar nessa escola é, talvez, o único espaço de contato desse aluno com a leitura, uma vez que a maioria deles não possui biblioteca em casa.

A investigação parte de algumas questões referentes às ações dos mediadores de leitura na biblioteca escolar, em uma escola pública municipal localizada na cidade de

Contagem, em uma região periférica. Consiste como questão central aqui: como as ações dos mediadores na biblioteca escolar contribuem para a formação de leitores? Sendo assim, partindo dessa questão, interessa-nos investigar: quais ações realizadas na biblioteca escolar são voltadas à prática da leitura literária? Quais mecanismos o mediador de leitura utiliza para que as crianças despertem o gosto pela leitura? Dessas questões derivam outras, de acordo com as possibilidades e futuras análises: como o acervo da biblioteca é constituído considerando a seleção de obras e sua organização espacial? Quem são os responsáveis pela seleção das obras e quais são os critérios utilizados por eles nessa seleção? Quem são esses leitores? Qual é o tipo de envolvimento das crianças com a leitura literária? A busca de respostas para essas questões se dará ao longo do processo da coleta e da análise de dados.

Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo geral analisar como as ações dos mediadores de leitura na biblioteca escolar podem contribuir para a formação de leitores literários. Temos como objetivos específicos deste estudo: descrever e analisar as ações realizadas pelos mediadores de leitura na biblioteca escolar; descrever o envolvimento dos alunos com as ações de mediação realizadas na biblioteca; identificar como é realizada a seleção dos livros pelos alunos e quais são os critérios utilizados por eles.

Participaram da pesquisa a professora regente da turma, a auxiliar de biblioteca e 15 estudantes do terceiro ano do ensino fundamental que contribuíram, espontaneamente, com sua participação neste estudo. De março a setembro de 2018, foram acompanhadas as aulas da turma do terceiro ano do ensino fundamental na biblioteca escolar. A permanência em campo foi essencial para a identificação dos objetivos propostos. Foram realizadas entrevistas, conversas informais e registros semanais com os participantes da pesquisa.

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos, contando com a introdução e as considerações finais: No capítulo intitulado “A escola e o desenvolvimento da competência leitora”, apresenta-se o referencial teórico do trabalho organizado em subtemas. No segundo capítulo, é apresentada a abordagem metodológica em que a pesquisa foi organizada, as escolhas que foram feitas para a construção do objeto de pesquisa e também o histórico e a organização da instituição escolar pesquisada. No terceiro capítulo, estão os resultados da pesquisa e as práticas de leitura na biblioteca, bem como os dados e as análises com suas devidas categorizações.

Foi necessário selecionar, dentre as atividades observadas na biblioteca escolar, as entrevistas que seriam analisadas neste trabalho e quais seriam mantidas na pesquisa, relacionando-as com os registros diários, as atividades realizadas, as conversas informais e os empréstimos de livros.

2 A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA

Sabe-se que a escola é a instituição responsável pelo processo de alfabetização das crianças e uma das principais agências de letramento. Pensando nisso, a leitura é parte integrante de uma produção de sentido e significado construída ao longo do tempo por meio da experiência leitora. Considera-se que a escola tem como uma de suas funções primordiais a formação do leitor, pois ela ocupa espaço privilegiado de acesso à leitura na sociedade.

O termo “agência de letramento” pode ser entendido como uma entidade que promove o letramento, ou seja, a escola pode ser considerada uma das agências de letramento pela sociedade, entretanto, não é a única. Existem outras esferas como: a igreja, a família, a comunidade, o trabalho, entre outros. Podemos considerar que a prática de leitura e escrita está ligada à agência de letramento, pois, quanto mais domínio possuímos da língua e quanto maior for nossa reflexão crítica sobre o que lemos, maiores também serão nossos questionamentos e nossa postura crítica.

2.1 Da alfabetização ao letramento literário

Os caminhos da leitura são motivados por situações de necessidade, prazer, obrigação e divertimento. De todas as competências e habilidades, ler talvez seja a mais valorizada em nossa sociedade. A presença da leitura é vista de forma positiva e pode ser considerada como uma ferramenta indispensável na formação de cidadãos críticos.

Nas séries iniciais, muitas vezes a grande preocupação do professor com o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita enfatiza a aquisição da técnica pela técnica, sem muitas vezes chegar aos textos e aos seus sentidos, construções e contextualizações. Por isso, trabalhar com a leitura literária nas séries iniciais do ensino fundamental é primordial. Algumas séries ou ciclos possuem características próprias no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita como o primeiro ciclo, que é composto pelo primeiro, segundo e terceiro ano, sendo considerado o ciclo da alfabetização.

As políticas públicas educacionais estabelecem que toda criança deve ser alfabetizada no máximo até o terceiro ano (fechamento do primeiro ciclo). É interessante observar que, na legislação e no Plano Nacional de Educação, a expressão é “no máximo” até o terceiro ano, ou seja, é possível que antes disso a criança esteja dominando a leitura e a escrita.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, nos anos iniciais do ensino fundamental, é prevista a valorização das situações de aprendizagem apontando para uma articulação com as experiências vivenciadas e novas possibilidades de ler o mundo e formular hipóteses na construção do conhecimento. Segundo a BNCC, é previsto que:

Nos primeiros anos do ensino fundamental, a ação pedagógica deve ter foco na alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema da escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e escrita e ao seu envolvimento de práticas diversificadas de letramento. (BNCC, 2017, p. 57)

Como aponta a BNCC (2017), o desenvolvimento de práticas diversificadas de letramento propicia habilidades leitoras amplas, que decorrem da interação entre leitor e ouvinte com textos escritos, orais, multissemióticos, obras literárias, entre outras. Sendo assim, o tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas que circulam nas diferentes mídias e nos campos da atividade humana.

De acordo com Ferreiro (2012), o desenvolvimento da alfabetização ocorre em um ambiente social. Contudo, as práticas sociais, assim como as informações, não são recebidas passivamente pelas crianças, ou seja, a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola. Para Soares (2002, p. 144), citando Tfouni (1995), a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo de indivíduos.

Para entendermos como a escrita atravessa a nossa existência das mais variadas maneiras, o conceito de “letramento” pode ser entendido como o processo de apropriação da cultura escrita, fazendo uso real da escrita como práticas sociais e da leitura como práticas de linguagem (SOARES, 2002, p. 144). Para a autora, a concepção de leitura e escrita vem se transformando à medida que a sociedade torna-se cada vez mais centrada na escrita e cada vez mais exigente das pessoas.

Soares (2011) afirma que o termo “letramento” começou a fazer parte do vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas na segunda metade da década de 80. É um exemplo de criação de um novo vocábulo, motivada pela necessidade de expressar novas ideias, pensamentos e maneiras de se compreender fenômenos atuais.

Desse modo, pode-se perguntar: por que palavras, anteriormente utilizadas e muito familiares, como alfabetizado, analfabeto, analfabetismo, letrado e iletrado não conseguiram abarcar novas ideias e pensamentos sobre a leitura e a escrita? Soares (2002) responde que os

sentidos das duas primeiras palavras, encontradas no “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”, expressam aquele que sabe ou não ler e escrever. A terceira palavra indica estado ou condição de analfabeto. Curiosamente, a palavra com sentido contrário, alfabetismo, que expressa o estado ou condição de alfabetizado, não é uma palavra corrente, utilizada com desenvoltura na língua portuguesa. A penúltima palavra, segundo o mesmo dicionário, significa aquele que é versado em letras, erudito. Já a última indica aquele não tem conhecimentos literários. Nesse dicionário, não existe o verbete “letramento”, e esses termos, amplamente utilizados, não conseguem dar conta da abrangência dos sentidos contemporâneos de leitura e escrita, implícitos em “letramento”. O termo “letramento”, segundo a autora, constitui uma versão para a língua portuguesa da palavra da língua inglesa *literacy*⁴. Proveniente do latim *littera* (letra), significa, segundo o *Webster’s Dictionary*, “the condition of being literate”, ou seja, a condição de ser *literate*. Esse termo significa ainda a qualidade de ser “*educated, especially able to read and write*”, isto é, educado, especialmente capaz de ler e escrever. A partir daqui, é preciso prestar atenção no sentido implícito presente nessas definições que vão além de ser *alfabetizado*, de alguém adquirir a “tecnologia do ler e escrever” (SOARES, 2002, p. 18). Implica o uso da leitura e da escrita que “traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la” (SOARES, 2002, p. 17). A leitura e a escrita são vistas como práticas sociais e como meios pelos quais os indivíduos constroem relações de identidade e de poder.

O reconhecimento de que é preciso não só saber ler e escrever, mas também fazer uso da leitura e da escrita nas situações sociais em que a língua escrita está presente fez surgir o termo “letramento” para enfatizar outros aspectos da aprendizagem da leitura e da escrita. Assim, ampliou-se a concepção do que é a aprendizagem da leitura e escrita, alfabetização e letramento.

Para distinguir os termos “alfabetização” e “letramento”, Soares (2002, p. 145-146) explica que a criação deste ocorreu devido a demandas da sociedade brasileira. Os termos “analfabeto” e “analfabetismo” refletem, há séculos, a realidade social de inúmeros brasileiros marginalizados que não têm acesso aos bens culturais e a melhores oportunidades na vida. Entretanto, um indivíduo que apenas domina a técnica de ler e escrever, ou seja, que é

⁴ O Dicionário Oxford define *literacy* como “the ability to read and write”, habilidade para ler e escrever, e *literate* como “able to read and write”, capaz de ler e escrever. O prefixo de negação *il-* dá sentido contrário às palavras *illiteracy* e *illiterate*. Ainda não há em português uma palavra correspondente para *literate*, hoje em dia já se usa “letrado” como uma tradução de *literate*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/oxford>. Acesso em: 10 maio 2018.

alfabetizado, não dá conta de se inserir no mundo contemporâneo e de participar de diversas formas discursivas no mundo do letramento.

Um dos primeiros educadores a destacar a ideia de alfabetização atrelada com o letramento foi Freire (2000), ao afirmar que ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura como um meio de tomar consciência da realidade e transformá-la. Esse mesmo autor afirma que a leitura não se acaba na decodificação pura da palavra escrita ou da língua escrita, mas que se antecipa e se expande na inteligência do mundo. São processos diferentes, mas os dois devem caminhar juntos, para que o estudante entre no mundo da escrita em sua totalidade.

Para ambos os autores, a leitura e a escrita vão além da simples codificação e decodificação das palavras, estão estritamente ligadas a práticas sociais. Para se formar leitores, não basta que os indivíduos saibam ler, é necessário que eles façam uso de outras habilidades, relacionadas com a leitura de mundo, valores e práticas sociais.

As práticas sociais da escrita são diversificadas. Talvez, seja mais adequado falar de letramentos, no plural, para se referir a toda a extensão do fenômeno, ou mesmo de multi-letramentos, que procura abranger toda a complexidade dos meios de comunicação de que dispomos hoje (THE NEW LONDON GROUP, 1996). Parte dessa compreensão da pluralidade do letramento a extensão do significado da palavra para todo processo de construção de sentido, tal qual encontramos em expressões como letramento digital, letramento informacional, letramento visual, letramento financeiro, letramento midiático, letramento literário, entre outros.

O conceito de letramento pode ser ampliado quando pensamos em formação de leitores literários, ou seja, esse conceito faz parte de uma expansão do uso do termo letramento. Para Cosson (2016, p. 17), o letramento literário pode ser considerado diferente de outros tipos de letramentos existentes, pois a literatura tem uma função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas. O autor destaca que a prática de textos literários sozinha não se efetiva e que a escola precisa mudar os rumos do trabalho literário promovendo o letramento literário numa experiência de dar sentido ao mundo por meio das palavras transcendendo limite do tempo e espaço.

Para ampliar a discussão sobre letramento literário, Paulino (2004, p. 56) afirma que um leitor literário é aquele que escolhe suas leituras, realiza suas construções e significações mediante o prazer da leitura literária. Para ela, a prática de leitura literária constitui um capital simbólico de valor reconhecido. Além de prazer, a leitura envolve outras importantes questões, que é o status. Ler passa a ser relevante na sociedade. Para ela, a escola, ao mesmo

tempo que se pretende democratizar a leitura literária, controla e dirige o leitor. O excesso de didatismo e a burocracia do ensino matam a leitura e afastam os leitores dos livros.

Apesar disso, não se pode descartar que na escola, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental, há outros caminhos na formação de leitores, como contação de histórias, declamação de poemas, apresentação de pequenas peças teatrais que podem aproximar as crianças dos livros e despertar o prazer pela leitura. Vale ressaltar também que, muitas vezes, a escola é o único espaço de oportunidade de acesso aos livros e aos textos literários para as crianças.

Já para Lajolo (2008, p. 106), a leitura literária também é fundamental. É a partir da literatura, como linguagem e como instituição, que se consolidam os diferentes imaginários, as sensibilidades, os valores, os desejos e os comportamentos. Para o indivíduo exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente.

Observa-se que o letramento literário pode ser considerado como uma apropriação da prática pessoal e cultural da leitura e da escrita numa relação prazerosa entre leitor e texto. Essa prática vai além das práticas de leitura que se reduzem à escola, embora passem por ela.

Para Lajolo (2003), a literatura expressa vários mundos, sendo que alguns são parecidos com o nosso.

A literatura é uma porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura em cada um. (LAJOLO, 2003, p. 44)

Semelhantemente, para Corrêa (2016), a expressão letramento literário traz imbricada a ênfase em um processo. Esse termo ganha importância na medida em que dá a ideia de movimento com o texto literário ultrapassando as etapas escolares. O leitor pode ser o protagonista desse referido movimento, ou seja, da circulação social da literatura, ele pode compartilhar a leitura com seus pares, indicar livros e ter total autonomia nessa experiência de leitura literária.

A leitura literária, para o referido autor, é uma forma de se trabalhar a literatura por meio do envolvimento emocional e cognitivo do estudante com a história, proporcionando a experiência estética. Essa experiência consiste no contato e em um envolvimento do sujeito leitor com a obra literária de maneira que ele aprecie o objeto artístico contribuindo na formação do gosto e as preferências do leitor.

Na visão de Bakhtin (2003, p. 156) de estudo e linguagem articulada com a condição da literatura como experiência estética, o objeto livro é concebido de materialidade, nessa interação pode conter a sedução e o desejo, ultrapassando os códigos escritos nele. O leitor vivencia uma experiência única e pessoal, que pode ser abstrata ou concreta. É também da condição da literatura a cognição, quando o ato de ler inclui seleção, dedução e indagação além da pura decodificação de palavras ou imagens. A literatura amplia e enriquece a visão de mundo das pessoas, permitindo vários níveis de conhecimento: cognitivo, lúdico, artístico e também como um elemento cultural.

Em concordância com os autores citados, o documento da BNCC (2017, p. 86) traz as competências básicas para o ensino fundamental nas séries iniciais. As práticas literárias visam possibilitar o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura, o que confirma os conceitos e as expressões dos referidos autores sobre o letramento literário.

Nesse sentido, a escola deve promover momentos de proximidade com a obra literária para garantir o contato e alargar os encontros que já ocorrem por diversas estratégias de envolvimento emocional e cognitivo dos estudantes contribuindo na formação do gosto pela leitura. Para que a formação de leitores seja propiciada, algumas ações podem se efetivar na escola, como, por exemplo, possibilitar com frequência o contato com o objeto livro e com a mediação literária, sendo esses encontros mediados pelo professor ou pelo auxiliar de biblioteca.

No Brasil, a literatura infantil e a escola sempre estiveram mutuamente atreladas. Os livros infantis encontram na escola o espaço ideal para garantir atenção de seus leitores principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Há uma preocupação em se trabalhar a literatura com os estudantes, porém, destaca-se o perigo de se limitar o trabalho literário a recortes de textos literários que estão em livros didáticos ou engessar a literatura mediante sua escolarização para fins pedagógicos e mercadológicos.

Segundo Soares (2011), a escola se apropria da literatura, didatiza-a e escolariza-a, sendo impossível evitar a escolarização da literatura quando esta se torna saber escolar. A referida autora não nega a escolarização, mas julga-a inadequada, errônea e imprópria, resultado de uma didatização mal compreendida.

O problema não está na escolarização, mas na maneira como vem sendo trabalhada a literatura infantil no cotidiano escolar. O que se deve negar, de fato, não é a escolarização em si, mas a inadequação desse processo que distorce a formação de um leitor.

Uma seleção limitada de autores e obras resulta em uma escolarização inadequada, sobretudo porque se forma o conceito de que literatura são certos autores e certos textos, a tal ponto que se pode vir a considerar como uma deficiência da escolarização a considerar o desconhecimento, pela criança, daqueles autores e obras que a escola privilegia. (SOARES, 2011, p. 28)

Sendo assim, a literatura pode ser identificada como um instrumento da pedagogia, pois está submetida aos objetivos pedagógicos da instituição escolar. A literatura está prisioneira dos fins educacionais e, assim, expande seu mercado garantindo a circulação de livros, resultando em lucros para as editoras e não garantindo o que é essencial: construir e reconstruir um processo cultural na formação de leitores.

É necessário transitar entre os textos propostos nos livros didáticos e em outros textos e livros literários em sua diversidade. A escola deve ser o espaço da circulação social da literatura criando ambientes, espaços e situações para a circulação dessa leitura, porém, de forma adequada.

Para Soares (2011), a escolarização adequada da literatura é a que conduz de maneira eficaz às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e aos valores próprios do ideal de leitor que se quer formar. A aquisição de conhecimentos literários é o que permite que a leitura e a experiência literária alcancem outros níveis. À medida que se constrói um repertório literário variado, o leitor se torna capaz de fazer comparações entre as obras e pensar em novas possibilidades de leitura. A prática adequada ao conhecimento pode ser considerada aquela que conduz o leitor a realizar esse saber e assimilar em suas atividades sociais internalizando o conhecimento construído para uso próprio.

Para exemplificar esse uso próprio, podemos destacar práticas sociais com o uso cotidiano que o sujeito faz da oralidade, da leitura e da escrita para escrever bilhete, preencher formulário (ordem de serviço) no trabalho, mandar/receber mensagem, dar/receber troco, etc. O adequado seria chegar ao complexo da compreensão do literário na busca da leitura literária, isto é, de formar sujeitos capazes de compreender o diferente e saber buscar o novo.

2.2 O conceito de mediação

Ao tratarmos da leitura literária na escola, é fundamental discutirmos como essa obra chega às mãos dos leitores, pois essa ação de mediar pode aproximar ou afastar os leitores. Para isso, é necessário refletir sobre o conceito de mediação da leitura, visto que “mediação”,

segundo os significados dicionarizados, refere-se ao ato ou efeito de mediar, situar-se entre duas coisas.

Um conceito central para a compreensão do termo de mediação foi apresentado por Vygotsky (1989) em seus estudos sobre as funções psicológicas superiores. Para ele, a mediação é um processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, que deixa, então, de se ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.

Dessa maneira, a mediação está presente nas ações humanas, e há instrumentos ou signos que medeiam as relações. A presença de elementos mediadores introduz um elo nas relações tornando-as mais complexas. Ao longo do desenvolvimento de um indivíduo, as relações mediadas passam a predominar sobre as relações diretas.

A experiência de atividade mediada pode ser definida, a partir da forma como os estímulos emitidos pelo meio são transformados, por um agente mediador usualmente próximo, como no caso das relações interpessoais ou no contato com objetos, livros, entre outros materiais.

O processo da mediação ocorre frequentemente na vida das pessoas, e os papéis também podem se inverter, sendo que aquele que passou pelo processo da mediação pode ser o mediador dependendo do meio ou da situação. O meio social proporciona as ações que serão desempenhadas através de cada instrumento que, por sua vez, favorecerá a construção de conceitos por parte do indivíduo.

Os signos podem ser considerados como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos ou situações, assim como pode ser como ferramenta da atividade psicológica ao papel de um instrumento. Esses instrumentos podem ser considerados elementos externos ao indivíduo, sua função é provocar mudança nos objetos.

Para Bakhtin (2009), os signos conferem sentido ao ato fisiológico-fonológico quando emitidos por indivíduos ao realizarem alguma atividade prática. Para ele, cada signo ideológico não é apenas um reflexo, mas um fragmento da realidade.

Para o autor, vale considerar que:

Todo o fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. (BAKHTIN, 2009, p. 33)

Segundo o autor, as palavras pronunciadas são carregadas de conteúdos vividos socialmente, signos construídos socialmente que têm seu significado social.

Sendo assim, pensar em leitores em formação e nas interações estabelecidas com o meio social para que se possa compreender esse processo é fundamental. Os estudantes podem ser mediados por livros, por seus professores, auxiliares de biblioteca, pelos pais enquanto interagem com o livro ou com outros suportes de leitura. Os conhecimentos que os indivíduos constroem são frequentemente refeitos a partir de novos saberes, por meio da mediação.

Um bom trabalho de mediação da leitura pode surtir efeitos muito positivos. Para Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2015), o conceito de mediação está atrelado ao conceito de andaimagem, que foi introduzido pelo psicólogo norte-americano Jeronome Bruner, em 1983.

O conceito de andaime ou andaimagem (tradução de scaffolding do inglês) está baseado na tradição de estudos do discurso de sala de aula e se deriva da teoria sociocultural de língua e aprendizagem avançada pelo psicólogo russo Lev S. Vygotsky. Entendemos, todavia, que a sociolinguística interacional também pode trazer uma contribuição relevante na operacionalização do conceito de andaime e andaimagem. Andaime é um conceito metafórico que se refere a um auxílio visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura pode dar a um aprendiz. (BORTONI-RICARDO; MACHADO; CASTANHEIRA, 2015, p. 26)

Esse conceito abarca duas bases essenciais para a mediação – a linguagem e a interação – que podem ser consideradas fundamentais nesse processo. O trabalho de andaimagem pode ocorrer em qualquer ambiente social, mas, na escola, ele pode ser utilizado como uma estratégia instrucional de mediação de leitura.

Há que se considerar também que, na teoria sociointeracionista, a ênfase é dada nas relações interpessoais e na aquisição de conhecimento através das ações entre mediador e os

sujeitos dessa relação. A chamada ZDP, Zona de Desenvolvimento Proximal, é o espaço entre o que o aprendiz pode realizar sem nenhuma assistência e o que consegue fazer mediante a assistência de um par mais experiente.

O conceito de andaime pode ser entendido como uma estratégia de mediação realizada num ambiente ou uma atmosfera positiva entre professor e alunos, por meio de ações simples de interações como a de se ouvirem e se ratificarem mutuamente como num modelo de iniciação, resposta e avaliação utilizado no discurso da sala de aula.

A professora neste modelo de “andaimagem” interage durante todo o evento com o leitor motivando-o e desenvolvendo uma sequência de intervenção de mediação que se caracteriza como andaimes. Os andaimes se efetivam, na realidade, por meio de recursos linguísticos, que muitas vezes são também pistas de contextualização, que contribuem para criar uma interação positiva e produtiva entre professora e alunos constituindo um elemento facilitador de sua mediação.

Esse modelo de andaimagem pode ser utilizado na mediação da leitura literária na biblioteca escolar ou em qualquer outro espaço escolar. Vale considerar que a escola é uma agência de letramento e há outras esferas como a família, a igreja e a comunidade. Para ampliar essa discussão de mediação e encontro com o objeto livro, podemos citar que a escola é fundamental entre as instâncias que se responsabilizam por endossar o caráter literário.

Paulino (2004) considera que a importante tarefa da mediação da leitura literária é a que se coloca no lugar da aproximação entre leitor e livro abrindo diálogos com o texto literário. A mediação de leitura literária precisa envolver experiências que contribuam para o encontro entre leitores e arte literária.

Uma prática que pode ser interessante para crianças nas séries iniciais do ensino fundamental é a oralização do texto literário. Ao ouvir a leitura em voz alta de um texto literário pelo mediador de leitura, o leitor em formação pode descobrir os efeitos sonoros e estéticos de um texto.

Já a autora Petit (2010), ao apresentar pesquisas sobre as leituras realizadas por jovens da periferia francesa e sobre a relação deles com a escola, descreve que o papel do mediador de leitura na formação de novos leitores pode influenciar destinos, proporcionando mudanças na forma e na compreensão do mundo. Para a referida autora, o mediador é “aquele que lhe dá uma oportunidade de alcançar uma nova etapa” (PETIT, 2010, p. 167).

Alguém que manifesta à criança, ao adolescente, e também ao adulto, uma disponibilidade, de uma recepção, uma presença positiva e o considera como

sujeito. Os que viveram o mais distante dos livros e que puderam, um dia, considerá-los como objetos próximos, companheiros, dizem que tudo começa com encontros, situações de intersubjetividade prazerosa, que um centro cultural, social, uma ONG, ou a biblioteca, às vezes a escola, tornam possíveis. Tudo começa com uma hospitalidade”. (PETIT, 2008, p. 48)

Nesse sentido, para a autora, mediar a leitura é estar disponível, receptivo ao outro, mas é fundamental considerá-lo como um sujeito que tem desejos, gostos, preferências, saberes e conhecimentos prévios. Mediar requer a hospitalidade com a qual esse sujeito é acolhido, de maneira que ele se sinta à vontade para dizer o que pensa.

A importância da leitura na construção de si mesmo nessa interação mostra que os mediadores exercem o papel de propiciar oportunidades aos leitores com os processos de fabulação. É válido destacar que o leitor não é passivo nesse processo, ele é atuante e produz conhecimentos.

Sendo assim, a escola e os professores são importantes formadores de leitores, não são os únicos, mas grandes influenciadores nos modos como os estudantes estabelecem relações com os livros e com outros suportes. Talvez seja possível considerar que o leitor forma-se no contexto social e na relação que foi estabelecida na infância.

Segundo o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, os mediadores de leitura são pontes “andaimas” entre os livros e os leitores, ou seja, criam condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. A experiência de encontrar os livros nos momentos certos da vida nos transforma em leitores paulatinamente, por isso os mediadores de leitura não são fáceis de definir.

Vale lembrar que os livros literários deixaram rastros em nossa infância. Talvez, aparecerão nítidas imagens de quem foram os mediadores de leitura, esses adultos criativos que deram vida às páginas de um livro, essa voz que liam, as mãos e os rostos que nos apresentavam os mundos possíveis em cada página dos livros.

Sem dúvida, ao contar histórias, oferecemos às crianças um arsenal de vivências e de personagens para brincar de viver. São como tapumes com os quais construirão casas, cidades e avenidas onde morar e por onde transitar. O mais decisivo, porém, durante esses anos, talvez nem sejam esses tapumes, mas a argamassa com a qual eles sustentarão. Talvez antes da história, antes dos personagens e dos episódios que possamos combinar, esteja a voz que nunca sabemos de quem é, de onde vem nem para quem fala que se desvanece ao aparecer e que, entretanto, está sempre ali. A voz que é e não é nossa, e que para cada pessoa é tão singular quanto as impressões digitais. (HALFON, 2012, p. 46)

Os mediadores de leitura, conseqüentemente, estão na escola, em casa, nas bibliotecas e nos espaços convencionais e não convencionais. O trabalho do mediador não é fácil, seu ofício essencial é ler de muitas formas possíveis, ler para si mesmo com a sensibilidade de que se deixa tocar pelos livros e compartilhar as leituras.

O mediador também pode criar rituais, momentos e atmosferas propícias para facilitar os encontros entre livros e leitores. Às vezes, pode realizar a hora do conto, leituras íntimas ou solitárias, várias histórias em pequenos grupos. Assim, em certos momentos, o mediador de leitura lê seus leitores, indica leituras, cria pontes e constrói sentido impulsionando a leitura desde o começo ao longo da sua vida.

Em concordância com Sommer (2016), os agentes culturais ou mediadores podem ser pontes que promovem a mudança destacando e explorando as muitas maneiras pelas quais as práticas culturais afetam a sociedade. Uma grande contribuição do seu estudo relaciona-se ao trabalho desenvolvido na promoção do desenvolvimento das artes e das humanidades, especificamente por meio de pré-textos na escolas públicas de Boston. Esse programa é voltado para o treinamento baseado em artes para professores de alfabetização, pensamento crítico e cidadania. Os agentes culturais podem ser considerados como mediadores que lidam com processos criativos que incluem leituras críticas e reparação da violência simbólica.

Para Queiroz (2014), referência nos estudos de literatura e formação de mediadores, retrata em sua crônica algo marcante que vivenciou em sua infância com sua professora.

No fim de cada aula, a professora mandava a gente guardar os objetos. Então, com os braços cruzados sobre as carteiras, escutávamos mais um pedaço da história que ela lia com a voz mais linda do mundo. Se velho ou novo, não importava, queríamos o livro emprestado para reler, esperávamos ansiosos cada aula, cada fim de livro, cada início de outro. [...] Esta professora não pedia para a gente fazer ficha dos personagens das histórias, não mandava desenhar pedacinhos que a gente mais gostou, não fazia ditado ou dramatização. Um livro terminado só servia para começar outro. A gente gostar da história era suficiente para ela. Livro passou a ser para mim um objeto importante: eu vivia ali, mas podia estar lá. (QUEIROZ, 2014, p. 38)

A partir da crônica de Bartolomeu de Queiroz, vê-se que é possível que a leitura literária seja mediada sem didatizar produzindo prazer e permitindo que os estudantes tenham acesso a outras formas de cultura. Segundo o autor, o grande patrimônio que temos é a memória, pois ela guarda o que vivemos e o que sonhamos. E a literatura é o espaço no qual o que sonhamos encontra o diálogo. O texto literário dá a palavra ao leitor, ele faz um convite ao cidadão de possuir a palavra.

Já para Cosson (2016, p. 54-55), a mediação pode acontecer desde que a motivação seja realizada por meio de uma preparação, a fim de que os estudantes entrem em contato com a obra literária. Dessa forma, a motivação inicial pode garantir o sucesso do encontro entre o leitor e a obra literária. O autor denominou que a sequência básica literária deve ser composta de motivação, introdução, leitura e interpretação.

Para que a execução da motivação seja significativa, é necessário que o mediador planeje essa atividade envolvendo oralidade, leitura ou escrita. A motivação não deve se alongar mais que um horário de aula reservado para esse momento, a ideia é que os estudantes sintam-se interessados em conhecer a obra para que seja feita a introdução posteriormente.

No momento da introdução, o mediador fará a exploração da capa, das imagens, se houver, da apresentação do autor e da obra, levantando hipóteses sobre o texto ou sobre a obra selecionada. É válido ressaltar que o mediador deve ter o cuidado de não estender muito a introdução, pois a função desse momento é permitir que os estudantes tenham um contato com a obra de forma positiva. Independente da estratégia utilizada para introduzir a obra, é interessante levar a turma à biblioteca para a retirada do livro na estante, para que manuseiem o objeto de leitura.

Depois da introdução, é o momento da leitura, que pode ser realizada de forma variada dependendo do objetivo do mediador, a leitura do texto literário pode ser feita a sós, sendo considerada uma experiência única. Já a leitura na escola precisa de acompanhamento, pois há um objetivo a ser cumprido, o mediador deve acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades e estabelecer um tempo para a leitura.

Logo que a introdução for finalizada, a interpretação será realizada pelo mediador ao estabelecer um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade, permitindo que se tenham aproximações com o que foi lido, com situações do cotidiano e também com novos textos para a constituição de inferências e extrapolações. A atividade de interpretação tem como princípio a externalização da leitura, ou seja, o registro.

Cosson (2016, p. 64) afirma que, no campo da literatura, as questões sobre interpretação e seus limites envolvem práticas e postulados tão numerosos quanto aparentemente impossíveis de serem conciliados. Toda reflexão sobre literatura traz implícita ou explicitamente uma concepção do que seja uma interpretação ou de como se deve proceder para interpretar textos literários.

Dessa maneira, a complexidade da interpretação não pode ser ignorada nem pode ser transformada em um obstáculo para o leitor, pois há dois momentos para que a interpretação ocorra: o primeiro está relacionado ao momento interior, à leitura individual e global da obra,

um encontro entre o leitor e a obra; o segundo momento é exterior, refere-se à materialização da interpretação e também ao compartilhamento das interpretações dos leitores visando à construção de sentido e ao conhecimento.

A atuação do mediador exige uma postura ativa de troca de sentidos e construção de conhecimento, pois a leitura não se limita à decodificação de um texto escrito, mas abarca a leitura do mundo por meio das mais diversas produções culturais e interações. Nesse ponto, a Política Nacional do Livro prevê atividade regulamentada do mediador de leitura, a proposta inclui, na Lei 10.753/2003 (BRASIL, 2003), a atividade do mediador de leitura, profissional educador responsável por promover a leitura dos livros em bibliotecas ou na rede de ensino, pública ou privada.

O objetivo é oficializar a função dos mediadores e garantir ações continuadas de estímulo e formação de leitores. O projeto determina que o poder público promova a formação continuada das pessoas que trabalham na mediação da leitura, nos setores editorial gráfico, criativo e livreiro em todo o território nacional. Um espaço propício para essa prática é a biblioteca escolar, por meio desse local, é possível preparar o ambiente para receber os leitores.

De acordo com o Manifesto da Unesco/IFLA, a biblioteca escolar deve dar suporte à formação de leitores, estimular a pesquisa e também a leitura literária.

Para o desenvolvimento da literacia ou competência na leitura e escrita e no uso da informação, no ensino aprendizagem, na cultura e nos serviços básicos da biblioteca escolar, é essencial desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida. (HALFON, 2012, p. 46)

É preciso pensar a biblioteca escolar como uma agência de letramento, ou seja, uma entidade que promove o letramento literário. Esse local tem muitas possibilidades de ampliar a compreensão de mundo dos estudantes com práticas orais que aproximam leitores dos livros literários como: contação de histórias, teatro, declamação de poemas, debates, leituras compartilhadas, rodas de leitura, ciranda literária, entre outros projetos desenvolvidos na biblioteca.

2.3 A biblioteca escolar

A biblioteca escolar pode ser vista atualmente como um espaço dinamizador da leitura que difunde conhecimento produzido pela coletividade. Por muito tempo, ela foi considerada um apêndice, vista como o lugar do silêncio e de leitura individualizada, com normas rígidas para o acesso ao espaço de leitura e de estudo.

De acordo com Lyons (2011), a mais célebre biblioteca do mundo antigo foi fundada em Alexandria, no Egito, no século III a.C., nos reinados de Ptolomeu I Soter e Ptolomeu II Filadelfo. Como Alexandria era um grande centro comercial e de navegação, todos os navios que a visitavam eram obrigados a ceder seus livros e seu proprietário recebia a cópia, ficando o original na biblioteca. Esta pretendia reunir todo o conhecimento do mundo e a assimilação da cultura grega, por isso, mensageiros eram enviados para fazer compra nas feiras de livros nas cidades de Rodes e Atenas. Era também uma forma de afirmação do poder dos reis egípcios sobre o mundo grego e não helênico.

Percebe-se, ao longo da história da leitura e da escrita, desde as imagens na pedra à tela do computador, que a humanidade percorreu um longo caminho e enfrentou vários desafios em busca da liberdade de expressão, da produção de conhecimento e da disseminação da cultura. Desde a constituição das bibliotecas da antiguidade até a contemporaneidade, o homem criou e utilizou diversos suportes para registrar os acontecimentos a partir das necessidades cotidianas. Além disso, fica explícito que a leitura e a escrita sempre estiveram e continuam intimamente ligadas à história da existência humana e são vistas como instrumentos de poder.

Nesse sentido, para que a biblioteca cumpra seu papel como difusora e mediadora da leitura e do conhecimento na vida dos estudantes, faz-se necessário ter um espaço cativante, convidativo e atraente com uma boa infraestrutura bibliográfica e audiovisual para os estudantes. Além disso, é necessário ter profissionais qualificados que possam realizar propostas inovadoras para o desenvolvimento da leitura e da pesquisa.

O espaço da biblioteca escolar pode ser ampliado além da mera função de empréstimos de livros, para que isso ocorra, deve ser realizado um planejamento coletivo e efetivo dos responsáveis (bibliotecários) juntamente com a equipe pedagógica da escola (pedagogos e professores) para a definição dos serviços e das atividades de leitura que serão oferecidas no cotidiano escolar para os estudantes. Para garantir um bom desempenho das atividades, esses profissionais deverão realizar um trabalho de sensibilização e

conscientização, quanto à função, à exploração e à importância do espaço para a comunidade escolar.

Mas a biblioteca – se efetivamente funcionar e for posta à disposição dos alunos, vai mais longe que os limites de uma sala didática, ultrapassa em muito a experiência do professor, por melhor que ele seja. Isso porque ela congrega a pluralidade do conhecimento, abriga o contraditório, vai além da rigidez do currículo escolar. Assim, a biblioteca é um espaço de liberdade, onde o leitor vai buscar outras vozes que lhe falem de perto. Vozes que lhe contam o passado. Que lhe explicam o presente. Que fazem projeções de futuro, vozes que falam com objetividade nos livros informativos e científicos, mas, sobretudo, vozes que falam obliquamente através da literatura. (SILVA, 2001, p. 9-10)

Nas poucas bibliotecas escolares ou públicas, grande parte de seus funcionários tem a função de “guardião de livros”, de classificar, de catalogar e de pedir silêncio, num processo burocrático e de procedimentos técnicos. De modo geral, as bibliotecas escolares e salas de leitura são ambientes que muitas vezes se apresentam como lugares desestimulantes e que recebem estudantes que foram convidados a sair da sala de aula por questões indisciplinadas.

Para Nóbrega (2003), a biblioteca escolar deve ser um lugar onde a ação deve estar voltada para a diversidade e o desconfinamento dos acervos, onde esse espaço social pode ser utilizado para a transformação e a construção do conhecimento, e não como na etimologia da palavra “biblioteca”, que significa “caixa de livros”.

Do mesmo modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais reforçam o papel da biblioteca dentro da escola como um espaço coletivo para o compartilhamento dos recursos didáticos. Esses recursos deverão estar próximos dos alunos, não se justificando mais soluções paliativas que sugeriam que a biblioteca pública poderia substituir a biblioteca escolar. A partir das diretrizes dos PCN, no que diz respeito aos materiais que irão embasar a aprendizagem, observa-se que a característica mais evidente do acervo da biblioteca escolar é a diversidade. A proposta nos PCN exige uma coleção que contemple a diversidade de textos que circulam socialmente.

A biblioteca escolar é um espaço democrático, conquistado e construído através do fazer coletivo (alunos, professores e demais grupos sociais) – sua função básica é a transmissão da herança cultural às novas gerações de modo que elas tenham condições de reapropriar-se do passado, enfrentar os desafios do presente e projetar-se no futuro. (SILVA, 1991, p. 141)

Para que a biblioteca escolar seja esse espaço democrático, os alunos devem ter acesso livre às obras com a ajuda de um mediador que saiba intervir e sugerir leituras de acordo com as capacidades leitoras das crianças e sua faixa etária, além de realizar um trabalho de mediação da leitura. Esse trabalho de mediação deve ter como propósito a aproximação dos livros com os leitores, incentivando e despertando o desejo pela leitura.

Para que isso ocorra de fato, a biblioteca escolar deve ser um espaço de estímulo ao processo de ensino-aprendizagem, pode ser um lugar de pesquisa, leitura por prazer, que diverte, informa e ajuda a construir conhecimentos. Para isso, faz-se necessário ter um espaço cativante, convidativo e atraente com uma boa infraestrutura bibliográfica e audiovisual.

Além disso, é necessário ter profissionais qualificados que possam realizar propostas inovadoras para o desenvolvimento da leitura e da pesquisa. A formação de leitores literários passa pela dinamização da biblioteca e dos profissionais nela envolvidos com atividades que podem ser realizadas no dia a dia na escola e também em casa ajudando a estimular os leitores a expandir seu repertório e suas leituras, ampliando sua visão de mundo. O mediador deve também ter uma formação adequada para construir um elo com o que é proposto em sala de aula visando à extrapolação da leitura por prazer.

De acordo com Corrêa, Feba e Junqueira (2016), o professor pode despertar o interesse dos alunos pelos livros ao frequentar a biblioteca, pois é nesse espaço que o docente pode observar interesses e curiosidades que surgem a partir da descoberta e da pesquisa de livros realizada pelo estudante. Nesse momento, é possível iniciar um projeto de leitura literária, partindo do estímulo e da curiosidade das crianças. Na biblioteca, elas descobrem o mundo da literatura, aprofundam temas e aprendem histórias.

Por isso, pensar que a biblioteca é um espaço da escola e que ela não deve ser paralisada pela rotina somente de empréstimos de livros é essencial. Esse espaço pode ser dinâmico, modificado e alterado de acordo com as necessidades e demandas que existirem na realização de projetos, contação de histórias e outras atividades, que podem ser desenvolvidas com a ajuda dos professores, bibliotecários e pedagogos como uma forma de aproximar os leitores dos livros.

Considerando que a biblioteca escolar é uma agência de letramento, Ceccantini (2009, p. 209) afirma que, apesar de nunca se ter lido tanto no Brasil, ainda se lê bem menos do que o desejável, na medida em que grandes faixas da população permanecem numa posição periférica em relação à leitura. Esse mesmo autor ainda reitera sua

inquietação relacionada à qualidade da leitura, à consistência e à profundidade das leituras realizadas de forma qualitativa.

Quando Ceccantini (2009) relata sua inquietação quanto à leitura e à qualidade da mesma, podemos considerar que a leitura aprofundada só será desenvolvida se tivermos hábito de leitura. Para que isso ocorra, é necessário que desde a educação infantil até o ensino fundamental as crianças tenham acesso à leitura e a outras formas de cultura.

Para isso, a biblioteca deve ser um local destinado à leitura, de aproximação do estudante com a cultura oral, como em histórias orais, cantigas de roda, parlendas, versos, entre outros. Todas essas atividades escolares podem despertar o interesse dos estudantes pela leitura e pela literatura.

Também é importante dar ao leitor a liberdade de manusear o livro e ele mesmo fazer sua escolha, pois assim aos poucos o ato de ler tornará um hábito na vida do estudante. Os anos passam, e o leitor apresenta maior autonomia e percebe que a biblioteca é um espaço ideal para realizar leituras e pesquisas.

Outras atividades que podem servir de estímulo à leitura são visitas a feiras do livro, bate-papos com escritores, leituras cotidianas de variados gêneros, disponibilização de livros e materiais de leitura diversificados e de qualidade na biblioteca de sala, animação de leitura, entre outras atividades. Pois o papel da escola e da biblioteca é abordar a leitura de maneira plural como ferramenta necessária para aquisição de todo tipo de aprendizagem, pensar na formação do leitor é ter objetivos claros para serem cumpridos a longo prazo.

A biblioteca deve promover ações de leitura de todos os tipos de materiais e outros dispositivos e, principalmente, de livros literários, pois o encantamento é que levará as crianças à prática de leitura, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura –, a escola terá de se mobilizar internamente [...]. Precisarão fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática eficiente. (BRASIL, 1997)

Com o estabelecimento de metas claras para a formação de leitores, é possível evitar o abandono da fase da infância para a juventude no campo da leitura, pois, se houve

a consolidação do hábito de leitura, o estudante não deixará de realizar suas atividades leitoras mesmo que já esteja no ensino médio. Dessa forma, a escola tem um papel privilegiado de aproximar a leitura e a literatura dos estudantes num ambiente de letramento. Para isso, a biblioteca pode ser um espaço de aproximação dos estudantes com os livros de maneira que se criem vínculos com os leitores estabelecendo um gosto inicial pela leitura e posteriormente a criação de hábito de leitura.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este capítulo tem como objetivo descrever os procedimentos utilizados na pesquisa que deram suporte e consistência para o desenvolvimento do trabalho: tipo de abordagem, instrumentos utilizados e perfil da comunidade escolar. Para a realização desta pesquisa, foi necessário investigar as ações dos mediadores de leitura na biblioteca escolar, averiguando sua contribuição para a formação de leitores literários no ensino fundamental.

Foi selecionada uma escola municipal localizada na cidade de Contagem, situada em um bairro periférico, que possui uma biblioteca escolar. No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa tem uma abordagem qualitativa do tipo empírica, sem nenhum objeto de quantificação de variáveis assumindo a forma de um estudo de caso a partir de diversos instrumentos, registros do cotidiano escolar na biblioteca, entrevistas com os estudantes, entrevista com a professora regente da turma de terceiro ano e com a auxiliar de biblioteca.

Primeiramente, a entrevista semiestruturada foi realizada com a auxiliar da biblioteca escolar a fim de se obter informações sobre a seleção e a organização dos livros do acervo, assim como sobre as atividades de mediação realizadas. Algumas atividades de mediação de leitura foram observadas, registradas, descritas e analisadas. Em outro momento, foi realizada a entrevista com a professora regente da turma e posteriormente a entrevista com os estudantes.

A coleta de dados teve como finalidade compreender as atitudes, as motivações e os comportamentos de uma turma de estudantes do ensino fundamental de terceiro ano a partir das mediações de leitura ocorridas na biblioteca e investigar se essas ações potencializam a formação de leitores. A pesquisa foi orientada por uma abordagem qualitativa que, nos termos propostos por Flick (2009), busca entender os fenômenos sociais na situação em que ocorrem, o que é feito por meio da análise de experiências de indivíduos ou grupos, do exame de interações e comunicações, da investigação de documentos ou traços de experiências e situações.

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva do ponto de vista de seus objetivos, pois permite maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado e busca proporcionar mais informações sobre o assunto, além de obter uma investigação sob diversos ângulos e aspectos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51). A pesquisa exploratória e descritiva tem por objetivo descrever as características de uma experiência ou de um fenômeno aprofundando o conhecimento de uma dada realidade e identificando as variáveis que participam do processo e sua relação de dependência existente entre essas variáveis.

A coleta de dados foi realizada, ao longo de seis meses, na biblioteca escolar com a turma de estudantes do terceiro ano do ensino fundamental – as crianças têm em média oito anos –, ano escolar considerado como fechamento do ciclo de alfabetização. Os instrumentos de coleta e os procedimentos são detalhados a seguir.

a) Caracterização da biblioteca

Na caracterização da biblioteca escolar, observou-se como o ambiente da biblioteca escolar é constituído. Algumas questões foram colocadas para posterior descrição e análise:

- Como é o ambiente da biblioteca?
- O local propicia a circulação dos alunos pela biblioteca e a escolha dos livros por eles?
- Há liberdade de escolha dos livros? Se não, por quê?
- Há um espaço reservado para a leitura? Como ele é constituído?

A observação, dessa forma, se constitui parte do protocolo do estudo de caso (YIN, 2001) e será empregada na coleta de dados. Tendo em vista que a observação pode conduzir à restrição dos dados em razão de limitá-los à perspectiva do pesquisador (MACKEY; GASS, 2005), questionários e entrevistas serão adotados como forma de ampliar os dados, especialmente os que se referem à perspectiva dos alunos.

b) Descrição do acervo

Nesta etapa foi realizada uma entrevista semiestruturada com a auxiliar de biblioteca cujo roteiro com as perguntas se encontra no Anexo B deste trabalho.

- Como os livros que compõem o acervo da biblioteca são selecionados?
- Quem os seleciona?
- Quais são os critérios utilizados na seleção?
- Qual quantidade de livros há no acervo?
- Quantos livros são de literatura?

c) Mediadores de leitura

Nesta etapa foi realizada observação participante na biblioteca escolar, levando em consideração os seguintes aspectos:

- Quem são os mediadores de leitura?
- Quais são os papéis dos mediadores de leitura na biblioteca?
- Quais são as práticas de leitura que ocorrem nesse espaço?
- Com que frequência a turma utiliza a biblioteca?

Além disso, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a professora regente, considerada uma mediadora de leitura, cujo roteiro com as perguntas se encontra no Anexo A deste trabalho. Vale destacar que as interações entre mediadores de leitura, aluno-aluno, aluno-professor e aluno-ambiente (biblioteca escolar) também foram observadas.

Diante das peculiaridades do estudo de caso, a análise consistirá principalmente na descrição e na análise dos dados, considerando aspectos contextuais (CRESWELL, 2014). De maneira complementar, entendemos que, em razão da natureza e dos objetivos da pesquisa, os dados deverão ser cruzados de maneira que as fontes não sejam consideradas em sua singularidade, mas em suas relações umas com as outras.

d) Quanto aos participantes

Nesta etapa da pesquisa foi realizada a observação dos estudantes na biblioteca escolar, levando em consideração os seguintes aspectos: a participação dos alunos nas atividades realizadas na biblioteca; os livros solicitados para empréstimo; o envolvimento dos alunos com a leitura, observando o prazer, a indiferença, o desprazer ou mesmo a repulsa observada pelas expressões faciais e corporais dos estudantes.

Além disso, foi realizada uma entrevista com os estudantes na própria biblioteca, foram feitos também registros e notas de campo a partir das observações. Na oportunidade, foram consultadas as fichas dos empréstimos de livros.

3.1 Contextualização da pesquisa

A contextualização histórica, geográfica e social de uma cidade pode ser essencial em uma pesquisa, pois, conhecendo melhor o espaço pesquisado e o cotidiano investigado, é possível fazer conexões com os dados coletados para futuras análises. Partindo do pressuposto de que a escola pode promover adaptações necessárias às peculiaridades de cada região, isso significa que o ensino deve levar em conta o cotidiano e a realidade dos estudantes, bem como as experiências vivenciadas dos alunos, tornando o conhecimento e a aprendizagem significativos.

O município de Contagem situa-se na região central de Minas Gerais, a 21 km da capital, Belo Horizonte. Ocupa uma área de 195,045 km² com uma população de 659 070

habitantes, com média de 2.5 salários mínimos mensais dos trabalhadores formais segundo dados do IBGE⁵.

O nome da cidade faz referência à contagem de cabeças de gado, de escravos e mercadorias que eram taxadas no posto de fiscalização. Em 30 de agosto de 1911, Contagem foi transformada em um município e, com a expansão industrial no Brasil, foi escolhida para ser um polo industrial do Estado. Nas décadas de 60 e 70, foram criados a Cidade Industrial e o Centro Industrial de Contagem (Cinco). O município possui seis grandes distritos industriais: Cinco, Cincão, Cinquinho, Cidade Industrial, Jardim Industrial e Ressaca⁶.

O município tem escolas que atendem da educação infantil ao ensino médio, com algumas instituições particulares, estaduais e municipais. São 103 escolas municipais, 46 estaduais e 271 particulares. Também conta com algumas universidades particulares que oferecem variados cursos de graduação nas mais diversas áreas e ainda com uma unidade do Centro Federal de Educação Tecnológica, que oferece cursos técnicos de nível médio e alguns cursos EaD (ensino a distância), além de cursos de extensão.

Na cidade, há também uma biblioteca pública denominada Doutor Edson Diniz, que é referência cultural no município, e três museus: Centro de Memória do Trabalhador, Centro Cultural Prefeito Francisco Firmo de Matos e Casa de Cultura Nair Mendes⁷.

Vale destacar também que a secretaria municipal de Contagem tem um setor específico destinado à leitura, sendo que há quatro profissionais que realizam levantamento das obras, desenvolvem projetos voltados para a literatura e auxiliam os educadores que atuam nas bibliotecas. Todas as escolas municipais de Contagem possuem bibliotecas, inclusive, neste ano as salas de aula ganharam minibibliotecas e gibitecas que estão na biblioteca escolar de cada unidade.

Desse modo, a opção pela realização da pesquisa em uma escola municipal de Contagem se deve ao fato de a instituição escolar atender aos anos iniciais do ensino fundamental em uma área considerada de risco, já que a maioria dos estudantes matriculados nessa instituição em que foi realizada a pesquisa moram em vilas próximas da escola. A escola atende um total de 524 estudantes distribuídos no turno da manhã e da tarde, sendo que: 122 crianças (de 4 e 5 anos) são da educação infantil, 246 crianças (de 6 a 8 anos) são do 1º, 2º e 3º ano e 156 estudantes (de 9 a 11 anos) são do 4º e 5º ano.

⁵ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/contagem/panorama>. Acesso em: 21 nov. 2018.

⁶ Disponível em: http://www.contagem.mg.gov.br/?es=historia_contagem. Acesso em: 23 nov. 2018.

⁷ Disponível em: <http://www.contagem.mg.gov.br/estudacontagem/tag/biblioteca/>. Acesso em: 25 nov. 2018.

O número máximo de estudantes por turma é dividido da seguinte maneira: na educação infantil até 20 crianças, do 1º ao 3º ano até 25 estudantes por turma e no 4º e 5º ano até 30 estudantes por turma. Além disso, há também um programa específico para as bibliotecas escolares do município.

Ao selecionar a escola que deu suporte a essa investigação, foram adotados os seguintes critérios:

- a) Deveria ter uma biblioteca a fim de serem observadas a utilização do espaço e a frequência de estudantes e professores;
- b) Deveria ter uma auxiliar de biblioteca para ser observado o papel desempenhado por ela nesse espaço, visto que seria um ambiente favorável ou não para a formação de leitores;
- c) A biblioteca escolar e a equipe pedagógica deveriam promover práticas de letramento literário por meio de atividades realizadas pelos mediadores de leitura e com a comunidade escolar.

Outro aspecto importante, relacionado à escola pesquisada, é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Segundo os dados disponíveis do IDEB (INEP, 2017), a referida instituição escolar obteve um resultado percentual de 6,31 no que se refere às séries iniciais do ensino fundamental.

De acordo com os dados do INEP (2017), a proporção de alunos que aprenderam o adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 5º ano na rede pública é de 68%. Já em matemática, 49% aprenderam o adequado na competência de resolução de problemas até o 5º ano na referida escola. A meta da Secretaria Municipal de Educação de Contagem é que as escolas municipais de séries iniciais do ensino fundamental alcancem um resultado de 6,7 até 2021, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Metas projetadas

Ano	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Séries iniciais	4,7	5,1	5,5	5,7	6,0	6,2	6,5	6,7

Fonte: <http://www.contagem.mg.gov.br/arquivos/publicacoes/jornalacoes>. Acesso em: 27 nov. 2018.

3.2 Histórico da escola, organização e perfil

A escola pesquisada foi construída pela Prefeitura de Contagem em parceria com a MINASMÁQUINAS, no ano de 1995, e está localizada na região industrial de Contagem, à margem da Rodovia Fernão Dias, cujo bairro surgiu a partir da criação da Cidade Industrial na década de 40, da proliferação dos loteamentos, das ocupações clandestinas e por meio de mutirões. É formado por ruas e aglomerados constituídos por vários becos. Quanto à infraestrutura, percebem-se ruas iluminadas, asfaltadas, serviços de coleta de lixo e esgoto canalizado, já nos becos, nota-se que a infraestrutura é muito precária, existem esgoto e lixo a céu aberto, a iluminação é clandestina e há terrenos acidentados considerados pela defesa civil como área de risco.

Na primeira visita à escola, foi feita a solicitação à direção da escola para a realização da pesquisa, além de uma apresentação. Na segunda visita foi necessário conhecer a estrutura física da escola, assim como a auxiliar de biblioteca, tendo ficado acordados os dias de acompanhamento da turma de terceiro ano que seria pesquisada. Já na terceira visita, conheci a turma de terceiro ano que iria acompanhar e a professora regente. Foram esclarecidas as informações necessárias para que o trabalho de observação, conversas informais e entrevistas fossem realizados. A receptividade da escola na disponibilização das informações necessárias foi satisfatória, possibilitando segurança na coleta de dados e possíveis análises.

A escola é atendida pelo CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), pelo conselho tutelar da unidade e pelo posto de saúde da região. Percebem-se no entorno da escola pequenos comércios, uma praça e um cemitério. Como no bairro não existem espaços apropriados para o lazer, algumas atividades oferecidas pela escola são futebol de salão, jogos de mesa e cama elástica em alguns finais de semana.

Os estudantes que concluem o 5º ano do ensino fundamental são direcionados para as escolas estaduais em bairros próximos. Também existem na redondeza algumas escolas particulares, sendo que uma delas oferece a modalidade de EJA no turno da noite com ensino gratuito para as pessoas da comunidade.

Mediante a consulta realizada no Projeto Político Pedagógico (PPP), foi possível perceber que a escola possui uma área total de 7240 m², sendo a área construída correspondente a 1717 m². Nesse espaço há dois blocos interligados com dois pavimentos onde estão localizadas as salas de aula, sala de apoio ou intervenção pedagógica, sala de vídeo, sala de arte, sala de informática, biblioteca, brinquedoteca, cantina, refeitório, cozinha, sala dos professores,

sala dos pedagogos e assistente escolar, direção e secretaria, além de uma área externa que inclui pátio, quadra de esporte coberta com dois vestiários e área de lazer com parque infantil.

Em conversas informais com a direção, relatou-se que as famílias dos estudantes possuem baixa renda, sendo que mais de 30% são atendidos pelo Bolsa Família, muitos pais estão desempregados e apresentam baixa escolaridade, no máximo até o ensino fundamental incompleto e são raros os casos de pais com cursos superiores.

Alguns dos estudantes residem com seus avós, na maior parte moram com as mães, pois são filhos de pais separados ou são filhos de diferentes uniões. A maioria deles reside nas vilas próximas à escola e em barracões de dois ou quatro cômodos, próprios ou alugados.

Ao ler o PPP, percebeu-se que as informações relatadas pela diretora estavam em consonância com o documento da escola, pois, segundo o relato da direção e da coordenação, foi aplicado um questionário socioeconômico para as famílias responderem na obtenção de dados relativos ao perfil socioeconômico das famílias atendidas. Esse trabalho de construção do PPP da escola foi realizado a partir dos encontros de formação continuada com a equipe pedagógica da escola e seguindo as orientações da Secretaria de Educação para a construção do perfil da comunidade escolar.

3.3 Métodos de coleta e análise de dados

Para coleta e análise de dados, foram utilizadas a observação, a análise de documentos (Projeto Político Pedagógico, Plano de ação para a biblioteca escolar do ano de 2018, inventário, programa de leitura), entrevistas com a professora de referência, com a auxiliar de biblioteca e também com os estudantes. Foram observadas as aulas na biblioteca de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental composta por 22 estudantes durante seis meses, no período de março a setembro do ano letivo de 2018.

Diante das observações realizadas na biblioteca, foi feito um diário descritivo do espaço, do envolvimento dos estudantes e também do papel desempenhado pelo mediador de leitura literária durante as aulas na biblioteca escolar. Além disso, foram registrados também os eventos literários que ocorreram com a comunidade escolar, complementando, assim, as observações feitas durante o período da pesquisa. Foram realizadas entrevistas com 15 estudantes que se dispuseram a participar, com a professora de referência, a auxiliar de biblioteca e a bibliotecária responsável pela região na qual a escola está submetida.

Nesse sentido, a categorização dos dados coletados será feita com base nas análises interpretativas, a fim de que sejam identificadas as ações dos mediadores de leitura na biblioteca escolar na formação de leitores literários no ensino fundamental e se estas contribuem para a formação do leitor ou geram repulsa. De acordo com Duarte (2004), ao longo de uma investigação na pesquisa, a garantia da confiabilidade entre os procedimentos adotados na coleta de material empírico, literatura científica e objeto da pesquisa passa pela explicitação das relações existentes gerando os resultados obtidos a partir dessas relações. Mediante essa contribuição da referida autora, as entrevistas realizadas com os mediadores de leitura e estudantes foram transcritas, lidas e categorizadas diante de temas recorrentes, sendo possível também triangular os dados coletados de observação, registros diários com os referenciais teóricos citados no primeiro capítulo e com a revisão da literatura, que embasaram esse estudo contribuindo no desenvolvimento de conceitos e ideias bem-fundamentadas.

4 AS PRÁTICAS DE LEITURA NA BIBLIOTECA COM OS ESTUDANTES

A pesquisa tem como objetivo geral analisar como as ações dos mediadores de leitura na biblioteca escolar contribuem para a formação de leitores literários no ensino fundamental em uma escola da rede municipal de Contagem. Neste capítulo serão apresentadas as análises dos dados coletados por meio das entrevistas realizadas com a auxiliar de biblioteca, a professora regente, os alunos e as observações das atividades desenvolvidas na biblioteca escolar.

A análise dos dados está dividida em quatro seções, sendo que, na primeira, abordamos quem são os mediadores de leitura (auxiliar de biblioteca e professora regente), destacando a formação, a experiência profissional, os hábitos de leitura e as práticas de leitura realizadas com os estudantes. Na segunda seção, abordamos quem são os alunos que participaram da pesquisa, destacando a idade, a frequência à biblioteca, os hábitos de leitura, a autonomia para a escolha de livros e os empréstimos realizados. Na terceira seção, apresentamos uma caracterização do espaço da biblioteca escolar, contemplando os seguintes aspectos: o espaço físico, o acervo de livros, a existência de normas nesse espaço e o Projeto Político Pedagógico. Por fim, na quarta seção, foram analisadas as atividades realizadas pelos mediadores, caracterizando-as em duas categorias: práticas de leitura literária com fins utilitário-pedagógicos e práticas de leitura literária com o objetivo de despertar o prazer de ler e promover o letramento literário.

4.1 Mediadores de leitura

Os mediadores de leitura na escola pesquisada são a professora regente da turma e a auxiliar de biblioteca, que realizam atividades com os alunos, de acordo com a demanda pedagógica ou mediante solicitação da coordenação. A professora regente da turma do terceiro ano tem 37 anos de idade, é graduada em Pedagogia e tem uma especialização em Psicopedagogia. Leciona há 15 anos, é efetiva na escola e atualmente está com a turma de terceiro ano. Em conversas informais, ela ressaltou que há três anos está com essa turma, pois a proposta da escola é que a professora assuma a turma no primeiro ano do ensino fundamental para iniciar o processo de alfabetização e nos anos posteriores encerre o ciclo da alfabetização com habilidades mais consolidadas da leitura e da escrita.

Essa prática adotada na escola pode ser considerada como facilitadora no desenvolvimento dos estudantes, visto que a professora inicia e finaliza o ciclo da alfabetização. Esse procedimento estimula o desenvolvimento contínuo dos alunos sem ruptura do processo de aprendizagem. Por exemplo, uma obra lida no primeiro ano pode ser lembrada nos anos posteriores.

Durante a entrevista, ela relata também que já fez vários cursos de formação continuada, porém as verbas estão reduzidas e quase não há mais cursos para os profissionais da educação atualmente. Na visão dela se considera uma leitora⁸:

Eu me considero uma leitora gosto de ler e estimular os alunos. Ia até fazer curso de biblioteconomia para trabalhar em biblioteca. Eu lembro também da minha infância, tinha poucos livros, mas gostava de ler e reler eles. Sempre quando venho à biblioteca, pego livros emprestados para eu ler, o acervo daqui é muito bom. (PROFESSORA)

No período de observação na biblioteca escolar, a pesquisadora percebeu que a professora regente com certa frequência realiza empréstimos de livros que estão relacionados com a sua formação em Pedagogia. Os títulos dos livros estavam relacionados com alfabetização, letramento e problemas de aprendizagem.

Questionada sobre a leitura de livros literários, relatou que ultimamente não tem lido livros literários:

Olha, de literatura não tenho lido não, só em sala de aula para os alunos ou na biblioteca, mas gosto de ler livros da minha área sobre alfabetização, metodologia e infância. (PROFESSORA)

Pelos relatos da professora, é possível verificar que o professor deve repensar sua formação enquanto leitor para atingir os estudantes, quando o professor consegue encantar o leitor, entender que a leitura tem reflexos na sala de aula, na biblioteca e nos demais espaços relativos à leitura. Ora, os espaços de leitura devem ser frequentados e usados pelo professor. Este deve se conscientizar que as obras podem ser apresentadas aos alunos com uma leitura prévia, para que haja ampliação da leitura e aprofundamento na mediação. De acordo com

⁸ Todas as falas estarão com destaque de recuo e identificadas com as três categorias: professora, auxiliar de biblioteca, aluno.

Kleiman (1995), é possível desenvolver na criança o gosto pela leitura se os educadores tiverem hábito de ler.

Como professora, tenho observado o desejo dos alunos em verificar o que eu estou lendo. Há poucos dias, os estudantes do segundo ano da turma na qual trabalho observaram que eu estava lendo um novo livro que seria utilizado em uma aula de “contação” de histórias. Em seguida, perguntaram se podiam ler o livro. Diante da minha afirmação, o livro tem sido o mais emprestado na biblioteca reafirmando a minha atitude como um espelho de estímulo à leitura.

Sendo assim, a formação do gosto pela leitura só é desenvolvida com as crianças se o professor tiver uma formação como agente de letramento, estimulando o prazer em ler. Os leitores em formação só podem ampliar suas experiências leitoras e a compreensão em consequência da mediação do professor.

Segundo Freire (2000, p. 63), quem ensina aprende ao ensinar, há um processo de interação social de crescimento constante na relação professor e aluno. Segundo esse autor, o educador que castra a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a capacidade de aventurar-se a criticar, a ler e a pesquisar.

Assim como na entrevista da professora foram destacados alguns pontos relativos à formação e aos hábitos de leitura, a entrevista realizada com a auxiliar de biblioteca priorizou os eixos relacionados a formação acadêmica, trajetória profissional, atividades de leitura desenvolvidas e critério para seleção de livros para os estudantes. Além da entrevista, as conversas informais ocorriam com frequência nos horários vagos das aulas da biblioteca e no momento do intervalo.

A auxiliar de biblioteca tem 29 anos, trabalha há dez anos na escola, possui ensino médio completo e é efetiva no cargo. Na oportunidade, ela me relatou em conversas informais que faz muito tempo que não participa de cursos de capacitação e que vai à regional somente quando é convocada para reuniões.

Na escola há duas auxiliares de biblioteca, uma para o turno da manhã, que trabalha até as 13 horas, e outra responsável pelo turno da tarde, que exerce sua função até as 18 horas. As duas auxiliares trocam informações frequentemente sobre os projetos desenvolvidos para que haja uma sintonia no trabalho de ambas. Ela me relatou que a biblioteca é aberta para pesquisas escolares. Na parte da manhã, ela pode ser frequentada pelos estudantes da tarde e, na parte da tarde, pelos estudantes da manhã.

De acordo com minhas observações, a biblioteca em geral ficava vazia. Os empréstimos eram realizados apenas no horário de visita da turma à biblioteca, geralmente uma

vez por semana, na presença da professora. O prazo para a entrega do livro era de uma semana. Nesse período, não se presenciou grande movimentação na biblioteca de alunos de outro turno.

A auxiliar de biblioteca relatou durante a entrevista que recebe os kits com os livros literários da Prefeitura de Contagem, que devem ser distribuídos para todas as crianças, fato ocorrido também nos anos anteriores com o PNBE. Esse fato não ocorre no ano em curso:

Esse ano não foram oferecidos kits literários para as crianças, não há verbas para isso. O prefeito de Contagem liberou verbas para a Gibiteca, os gibis foram enviados para a biblioteca e foi reservado um espaço de leitura para eles. (AUXILIAR DE BIBLIOTECA)

Foi possível perceber durante as observações que a auxiliar de biblioteca fica muito envolvida com atividades burocráticas que fogem à sua função. Ela ficou responsável em entregar durante o mês de fevereiro e março os kits contendo materiais escolares (caderno, lápis e livros didáticos) para todas as crianças, assim como os uniformes. Os pais deveriam ir à escola e procurar a auxiliar de biblioteca para fazer a retirada dos materiais, e a auxiliar deveria colher as assinaturas dos responsáveis.

Durante a entrevista, quando foi indagada sobre como a seleção de livros era feita na biblioteca, ela me respondeu da seguinte maneira:

São selecionados por faixa etária, por ano. Por exemplo: Letra caixa alta para primeiro ano e segundo ano, os livros com mais imagens para facilitar a leitura ficam para a educação infantil. Os outros anos, já entram livros com mais escritas. (AUXILIAR DE BIBLIOTECA)

Novamente, perguntei a ela de onde surgiram esses critérios, se vieram da Bibliotecária Regional. Ela disse:

Não. São daqui mesmo. Aqui era muito desorganizado, os livros antes ficavam nas prateleiras e era tudo misturado, então a coordenadora me pediu para eu organizar dessa forma para facilitar o trabalho das professoras, eu coloquei os livros dentro de caixa de papelão e separei por período ou ano. (AUXILIAR DE BIBLIOTECA)

Quando a escola e a biblioteca criam critérios para selecionar seus livros para serem emprestados aos alunos de acordo com a faixa etária das crianças e com características próprias

relacionadas com o desenvolvimento da linguagem escrita na educação infantil e no ensino fundamental, ela não permite ao estudante a escolha dos livros literários de acordo com seu interesse. Essa imposição vai contra a liberdade de escolha do aluno, pois cada leitor tem critérios únicos e às vezes pessoais na escolha de um livro. Se um estudante do ensino fundamental pegar um livro de imagens, não poderá levá-lo para a casa segundo o critério pedagógico utilizado na escola.

Observei também que existe um ritual de acesso à biblioteca: os estudantes chegam organizados em filas separadas, meninos em uma, meninas em outra, em silêncio. Como o horário é o último, a professora orienta-os a deixarem as mochilas no corredor para entrar na biblioteca, com a localização dos alunos determinada pela professora. Como a disposição dos livros na biblioteca está apenas em caixas, a auxiliar deixa os livros de acordo com o nível de escolaridade sobre a mesa para o empréstimo.

Como se vê, essa prática é conservadora e vai contra o papel da biblioteca escolar na atualidade, pois, de acordo com Silva (1989), a biblioteca, quando burocratizada por normas, estará fadada ao fracasso e o responsável por ela não deve transformar a utilização dos serviços em uma camisa de forças. É a biblioteca que deve se adequar aos leitores. O leitor tem que se sentir livre na escolha dos seus livros, e o bibliotecário deve abrir mão do tradicionalismo e do tecnicismo.

4.2 Perfil dos alunos

Os alunos do terceiro ano participantes da pesquisa estão na faixa etária de oito a nove anos, moram próximos à escola em vilas ou em barracões alugados. As famílias são de baixa renda familiar, segundo informações retiradas do Projeto Político Pedagógico da escola.

Mediante as observações realizadas e em conversas informais, percebe-se que as crianças são carentes, muitas vão à escola para lanche, outras não possuem livros em casa e os poucos livros literários que têm são do kit que ganharam da escola. Algumas relataram que não têm dinheiro para comprar gibis e que por isso passam o recreio na biblioteca, aproveitando para fazer a leitura.

Relembrando Soares (2002), é necessário defender a democratização literária, pois as crianças só terão acesso ao livro como um bem simbólico através da democracia cultural. Vale ressaltar a importância da escola pública na democratização do ensino e da leitura literária ao permitir o acesso aos bens culturais.

A autora retrata que na maioria das vezes o primeiro acesso ao livro literário é feito na escola, já que grande parte da população aprende a ler por meio da instituição escolar que é considerada uma agência de letramento. Nesse contexto, o espaço da escola pública é capaz de democratizar o acesso da criança ao livro e à leitura.

Desse modo, as entrevistas com os estudantes incluíram perguntas voltadas para as atividades na biblioteca, empréstimos de livro, leitura que pode ser indicada a outro colega, livros preferidos, atividades relativas à leitura que ocorrem no espaço da biblioteca. Dos 22 estudantes do terceiro ano, apenas 15 participaram da entrevista, os demais não se dispuseram a participar.

As entrevistas apresentaram dados interessantes sobre a prática do letramento literário na biblioteca escolar e a motivação dos alunos quanto ao trabalho realizado pela professora. Percebe-se nos depoimentos dos estudantes que alguns relatos estão ligados à participação da criança na sociedade, indicando a apropriação de conhecimento e informações que expandem seu repertório de leitura, de mundo e cultura.

Podemos utilizar, na análise das entrevistas com os estudantes, o conceito proposto por Corsaro, Muler e Carvalho (2009, p. 52) de reprodução interpretativa e cultura de pares entre crianças. O termo interpretativo se refere à participação da criança na sociedade, indicando a apropriação de informações no mundo que fazem parte da cultura. Já o termo reprodução está ligado à reprodução cultural presente na sociedade e na cultura à qual as crianças pertencem e que as influenciam. Para ele, a reprodução interpretativa é um conjunto estável de atividades e rotinas, artefatos, valores e interesses que crianças produzem e compartilham na interação com seus pares, em casa, na igreja e na própria escola.

A primeira pergunta da entrevista está relacionada com a biblioteca e com o que os estudantes gostam de fazer nela. Os dados revelam que os participantes da pesquisa vão à biblioteca escolar para ler livros.

Quadro 1 – O que os alunos fazem na biblioteca

Alunos	Questões	Toda semana você vem à biblioteca, o que gosta de fazer aqui?
Aluno 1		Ler livros.
Aluno 2		Ler livros.
Aluno 3		Ler livros e gibis.
Aluno 4		Ler livros e gibis.
Aluno 5		Ler livros.
Aluno 6		Ler livros.

Aluno 7	Ler livros.
Aluno 8	Ler livros.
Aluno 9	Ler livros.
Aluno 10	Ler livros.
Aluno 11	Ler livros.
Aluno 12	Ler livros.
Aluno 13	Ler livros.
Aluno 14	Ler livros.
Aluno 15	Ler livros e gibis.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Podemos identificar na tabela que os alunos, em sua maioria, usam a biblioteca para ler livros. Daí a importância do acesso aos livros pelas políticas públicas do país como um bem material que promove a cultura, amplia a leitura e democratiza o ensino.

A segunda pergunta está relacionada aos empréstimos de livros na biblioteca. Percebe-se que, de 15, nove crianças responderam que pegam o livro *Casa sonolenta* e seis estudantes, *Bruxa, Bruxa, venha a minha festa*. O quadro a seguir revela os dados.

Quadro 2 – Empréstimos de livros

Alunos	Questões	De quais livros você costuma fazer empréstimos?
Aluno 1		<i>Turma da Dory e Mackimy.</i>
Aluno 2		<i>Vida de passarinho e Bruxa, Bruxa.</i>
Aluno 3		Ah esqueci os nomes, são muitos.
Aluno 4		<i>Bruxa, Bruxa e Aventuras dos incríveis, Mackimy.</i>
Aluno 5		<i>A lenda do Eldorado.</i> Tem mais livros? Eu esqueci os nomes.
Aluno 6		<i>Os atletas, Bruxa, Bruxa e Casasonolenta.</i>
Aluno 7		Eu gosto desses livros <i>CasaSonolenta, Pequenaougrande e ABela e a fera.</i>
Aluno 8		<i>A casa sonolenta.</i> Tem mais livros? Ah esqueci os outros nomes
Aluno 9		<i>O rei Artur, Aladim, Enroladinho.</i>
Aluno 10		<i>O reizinho mandão, Casasonolenta, Bruxa, Bruxa.</i>
Aluno 11		<i>Doze princesas dançarinas, Casasonolenta, Bruxa, Bruxa</i>
Aluno 12		<i>Casonolenta</i>
Aluno 13		<i>Bruxa, Bruxa.</i>
Aluno 14		<i>Casonolenta</i>
Aluno 15		<i>Casonolenta e Bruxa, Bruxa</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A partir desses dados, resolvi conversar com essas crianças para obter mais informações sobre o motivo de esses livros terem sido citados com frequência na entrevista.

Descobri que o livro *Bruxa, Bruxa, venha a minha festa* foi apresentado pela professora na biblioteca e foi realizado um teatro com a turma quando eles estavam no primeiro ano, o que demonstra como o trabalho do professor influencia nas escolhas dos estudantes.

O livro relata a história de uma garota que convida vários personagens assustadores, tais como bruxa, gato, coruja, árvore, dragão, fantasma, lobo, entre outros, para participar da sua festa. De acordo com o relato de uma delas, esse livro se destaca dos demais:

Bruxa, Bruxa, esse aqui (apontou para o livro). Eu gosto dessa história, fizemos teatro com ela no primeiro ano e nunca vou esquecer. (ALUNO)

Mediante o relato desse estudante, é possível lembrar a contribuição de Cosson (2016) que mostra a leitura do texto literário como uma experiência única, pois conhecer uma história e saber o fim dela jamais substitui a experiência de ler por prazer.

Em relação à obra *Casa sonolenta*, nas conversas com os alunos, foi relatado que essa obra estava na biblioteca da sala e que esse livro foi lido pela professora e posteriormente foi feito um teatro. A obra trata de uma casa sonolenta com uma cama aconchegante onde todos estão sempre dormindo, as repetições do texto incluem sempre mais um elemento ou personagem na narrativa dando ideia de acréscimo. A seguir o relato de alguns estudantes:

Várias pessoas ficam dormindo, é muito legal a história! (ALUNO)

Casa sonolenta. Todo mundo vivia dormindo nessa casa, e fizemos um teatro. (ALUNO)

Os personagens viviam dormindo nessa casa, fizemos um teatro, foi muito legal! (ALUNO)

Notou-se que os livros mais emprestados estão relacionados com as experiências leitoras dos alunos em anos anteriores, e eles estão revisitando esses livros com prazer e encantamento.. Possivelmente, o papel do mediador aproximou as crianças das obras literárias, e os estudantes guardam na memória afetiva essa mediação. Na expressão facial das crianças durante a entrevista foi percebido o prazer de falar do livro e recontar a história. Isso reforça a influência das práticas de leituras nos empréstimos dos livros, conforme visto

anteriormente. Os livros mais requisitados são exatamente aqueles trabalhados nas aulas de leitura conforme o Quadro 2.

Na entrevista, a professora relata o trabalho que realizou com essa turma.

Eu gosto também de fazer teatro com eles. Como é o terceiro ano que estou com essa turma, todo ano fazemos um teatro em cima de algum livro lido. Por exemplo: no primeiro ano foi o livro *Bruxa, Bruxa* e no segundo foi *Casa sonolenta* e agora *As doze princesas dançarinas*. (PROFESSORA)

Foi possível verificar que a construção de uma comunidade de leitores pode ser analisada pela dependência dos leitores diante das práticas escolares que predominam na sala de aula ou na biblioteca escolar. As mediações que a professora realizou com os estudantes podem ser consideradas positivas, pois os alunos relatam essa experiência como algo inesquecível.

Outro aspecto que pode ser analisado na entrevista sobre o último livro lido e o encantamento pela história pode ser visto no Quadro 3.

Quadro 3 – Encantamento por uma obra lida

Alunos	Questões	Qual foi o último livro que você leu e se encantou pela história?
Aluno 1		<i>Bruxa, bruxa</i>
Aluno 2		<i>Vida de passarinho</i>
Aluno 3		<i>Uma zebra fora do padrão</i>
Aluno 4		<i>Bruxa, bruxa</i>
Aluno 5		<i>As doze dançarinas</i>
Aluno 6		<i>O que dizem as palavras</i>
Aluno 7		<i>Casa sonolenta</i>
Aluno 8		Os presentes da fada
Aluno 9		<i>Cinco sentidos da primavera</i>
Aluno 10		<i>O pequeno príncipe</i>
Aluno 11		<i>Casa sonolenta</i>
Aluno 12		<i>Astronauta</i> . Este aqui levantou do lugar e pegou o livro para eu ver que era uma história em quadrinhos. Ele salvou a filha dele e a esposa e, além disso, ele tem dois robôs.
Aluno 13		<i>O pequeno príncipe</i>
Aluno 14		<i>Bruxa, bruxa</i>
Aluno 15		<i>O pequeno príncipe</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Novamente percebemos que dos 15 alunos entrevistados, nove responderam que os livros que mais despertaram seu interesse pela leitura estão ligados às práticas escolares que a professora ou a auxiliar de biblioteca desenvolveram. Rememorando Soares (1999), sobre as

práticas de leituras escolarizadas adequadas e inadequadas, podemos verificar que a escolarização da literatura é inevitável, já que a instituição escolar lida com saberes escolares.

A escolarização adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente as práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler. (SOARES, 1999, p. 47)

Diante do exposto, é possível notar que, pelos relatos das crianças, as práticas das mediadoras aproximaram os alunos dos livros, sendo possível considerar que a mediação é uma ação de interferência. A mediação não pode ser considerada um ato de passividade ou neutralidade, pois requer uma postura ativa, consciente e intencional do profissional, no sentido de intervir e orientar a criança no movimento de leitura e apropriação do texto literário.

Outro aspecto que pode ser analisado é a indicação de um livro para o colega. Dos 15 estudantes, somente cinco responderam outras indicações de livros diferentes das que foram trabalhadas na escola. O restante dos entrevistados indicou os livros que já conhece e também os que foram encenados por eles em atividades de dramatização, conforme os depoimentos abaixo de três estudantes:

Bruxa, bruxa (esse aqui apontou para o livro). Eu gosto dessa história, fizemos teatro com ela no primeiro ano e nunca vou esquecer. Foi maravilhoso! (ALUNO)

O livro da *Casa sonolenta* é ótimo, imagina uma casa onde todos só ficam dormindo até que um dia a pulga que estava no gato acordou todos. Fizemos uma atividade com ele e ficou muito legal! (ALUNO)

Pequeno príncipe, a história é linda e faz a gente pensar nas nossas atitudes e valores, foi o que a professora ensinou. A gente cresce e deixa de valorizar as coisas pequenas da nossa vida. (ALUNO)

Vale ressaltar que a última fala da criança traz dados de uma literatura de fundo moral. Ela relaciona o livro *O pequeno príncipe* aos valores que foram ensinados pela

professora e discutidos após a ida ao teatro, além dos episódios dos quatro filmes assistidos sobre *O pequeno príncipe*.

Um ponto a ser analisado é que o discurso pedagógico dogmático de transmissão de valores tem ganhado força em nosso país, e isso requer cautela da nossa parte e responsabilidade diante das nossas ações. Esse relato da criança revela uma “reprodução interpretativa” da fala da professora, de acordo com o conceito de Corsaro (2009).

As falas dos estudantes, referentes às atividades que ocorrem na biblioteca escolar, nos mostram sua relação com o mundo expandida pela leitura. As atividades desenvolvidas são variadas, e podemos perceber essa pluralidade pelo quadro a seguir:

Quadro 4 – Atividades relacionadas com a leitura.

Alunos	Questões	Além de pegar livros emprestados, o que mais vocês fazem de atividades relacionadas com a leitura nesse espaço?
Aluno 1		O jardim poético
Aluno 2		Tem uma sacola, cada aluno leva para casa e preenche uma ficha e depois apresenta para os colegas.
Aluno 3		Ensaiai para o teatro e <i>O pequeno príncipe</i> .
Aluno 4		Eu gosto de ler ali (apontou para o tapete) e ouvir história da professora.
Aluno 5		O projeto <i>O pequeno príncipe</i> .
Aluno 6		Ler revistinhas, é que lá em casa eu não tenho revistinhas e as daqui são novinhas.
Aluno 7		Eu gosto de ler revistinhas e fazer o jardim poético.
Aluno 8		Teatro e projeto do <i>pequeno príncipe</i> .
Aluno 9		Leio revistinhas e assistimos filmes.
Aluno 10		Ler gibis e quando a professora conta história e muda de voz.
Aluno 11		Ler livros, gibis e fazer atividades.
Aluno 12		Ler, ver filmes e teatro.
Aluno 13		Ler juntos com os colegas, ver filmes e fazer atividades.
Aluno 14		Fazer atividades poéticas.
Aluno 15		Ver filmes, fazer atividade do jardim poético, ler em grupos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Segundo relatos dos alunos, é possível perceber a variedade de atividades realizadas na biblioteca. Vale destacar que, ao longo das observações, o que lhes davam mais prazer e vontade de participar eram as atividades de dramatização, ler revistinhas no tapete, ver filmes e ler em pequenos grupos.

Percebe-se que as atividades em que os estudantes têm liberdade de escolha e com as quais se sentem mais livres são as mais prestigiadas por eles, como ficar deitado lendo e dramatizar. A atividade “Mala da leitura” não é realizada na biblioteca, essa atividade foi transferida para a sala de aula no início do ano letivo.

Em conversa com a auxiliar de biblioteca, ela relata que a turma do terceiro ano é a que mais frequenta o espaço nas aulas da biblioteca e também durante o recreio.

Essa turma é ótima! No dia em que eles não veem à biblioteca, questionam a professora e a mim também. Eles sempre levam vários livros emprestados e devolvem na data correta e, além disso, sugerem atividades para serem feitas aqui. Eu faço fantasias para eles apresentarem o teatro dos livros e às vezes os ajudo a ensaiar na hora do recreio na biblioteca. (AUXILIAR DE BIBLIOTECA)

É possível verificar que o ambiente, em alguns momentos, é dinâmico e integrador, mas, no quesito liberdade de escolha para os empréstimos dos livros, ele deixa muito a desejar. Todos os alunos relataram que só podem pegar os livros definidos pelas professoras e pela auxiliar da biblioteca como adequados ao ano que estão cursando, os quais estão dispostos na caixa referente a cada ano escolar, sobre as mesas da biblioteca.

Além disso, na entrevista, foi realizada uma pergunta para os estudantes relacionada com a liberdade de empréstimos de livros. “Você pode pegar qualquer livro emprestado?”. Todos os estudantes entrevistados em unanimidade responderam que não.

Figura 1 – Disposição dos livros na biblioteca



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Podemos perceber que a biblioteca ainda é um espaço de controle da leitura e não perdeu historicamente os atributos tradicionais de empréstimos e de organização, pois os estudantes não podem escolher livros de outros anos.

Pinheiro (2006), em sua tese, afirma que a biblioteca tenta controlar a leitura dos alunos, dos livros que eles escolhem para ler. Esse controle é realizado, na escola, pelos professores e, em casa, pelos pais. A escola considera que o bom aluno e bom leitor é aquele que obedece às regras e que lê o que lhe é permitido.

A diversidade de leitura literária dever ser considerada essencial na escola como prática que expande o universo dos leitores e aproxima-os dos livros, o controle da leitura afasta os estudantes do hábito de ler, pois ler é permitir que as crianças façam escolhas variadas de acordo com seus interesses pessoais, desejos ou até mesmo indicações de colegas da classe.

4.3 Caracterização da biblioteca escolar

A biblioteca escolar observada fica no primeiro piso da escola, está localizada na frente da sala da direção e da coordenação pedagógica, foi reformada recentemente (pintada e ganhou novas cortinas para as janelas) e conta com um espaço aconchegante para a leitura, um tapete de emborrachado do tipo E.V.A. (Espuma Vinílica Acetinada) para que as crianças realizem as leituras no local. Os mobiliários são antigos, as mesas e os armários foram encapados para deixar o ambiente mais agradável, pois não há verba suficiente para trocá-los.

Há também na biblioteca uma sala chamada de brinquedoteca, que é um espaço reservado somente para a educação infantil, com brinquedos destinados às crianças de 4 a 6 anos. Nesse ambiente, há 30 bonecas, 40 carrinhos, 20 dados, 30 caixas de material dourado e 10 blocos lógicos para os estudantes brincarem e as professoras utilizarem em sala de aula.

Durante o período em campo, os alunos da educação infantil frequentavam esse espaço em horários específicos e os do ensino fundamental utilizavam a biblioteca no horário reservado para sua turma assim como no recreio. Vale ressaltar que, durante o recreio, a biblioteca recebe muitos alunos e o espaço mais disputado por eles é a gibiteca.

Figura 2 – Gibiteca



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A gibiteca, conforme a Figura 2, está localizada na própria biblioteca e conta com diversos gibis da Turma da Mônica, que são mais uma opção de leitura para os estudantes, seja na hora do recreio ou no horário de “aula na biblioteca”. Nesse ambiente, há um tapete de E.V.A. para que os alunos possam ficar mais à vontade para realizar suas leituras.

Há também um computador utilizado pela auxiliar de biblioteca para fazer os registros dos livros e um cartaz com as regras da biblioteca solicitando silêncio para ler o livro,

não é permitido lanchar ou comer no espaço, nem usar telefone e é solicitado devolver o livro nas caixas de acordo com os locais indicados referente ao ano escolar.

Em relação à utilização da biblioteca escolar, a escola possui um quadro de horários para que todas as turmas frequentem o local desde a educação infantil até o quinto ano. Durante o período de pesquisa, foi observado que as turmas de quarto e do quinto ano quase não frequentavam a biblioteca, já as turmas com maior frequência à biblioteca são as correspondentes à educação infantil e às séries iniciais do ensino fundamental (2º e 3º ano).

Durante as observações realizadas, foi constatado que a professora regente e a auxiliar de biblioteca devem seguir o horário que foi estipulado para cada turma. De acordo com a professora regente do terceiro ano, uma vez por semana os alunos têm aula na biblioteca.

Essa biblioteca é muito rica de livros. Eu gosto de vir aqui e os alunos também. Tem três anos que estou com essa turma, então eu estímulo a leitura deles, eu só tenho uma aluna que não lê e apresenta uma dificuldade, mas ela também tem laudo. A biblioteca é muito importante para que os estudantes desenvolvam o gosto pela leitura, por isso venho toda semana com eles. Nosso horário é toda sexta-feira de 16h40 às 17h30. (PROFESSORA)

A biblioteca possui em seu acervo 785 livros para pesquisa, 3465 livros literários infantis, 3462 livros literários juvenis e 380 livros literários para adultos, 1100 livros didáticos, 65 CDs, 60 DVDs, 43 jogos, três televisores de Led, dois *data shows* e dois aparelhos de DVD. Vale ressaltar que os livros para pesquisa foram doados pela empresa MINASMÁQUINAS.

Além das observações realizadas na biblioteca escolar, também foi necessário realizar uma entrevista com a bibliotecária responsável pela escola para obtenção de dados que auxiliassem na pesquisa. Recorreu-se à Secretaria Municipal de Educação e Fundação de Ensino de Contagem (Seduc) com o objetivo de verificar se existia alguma política para as bibliotecas escolares da cidade de Contagem e foi constatado que existem um plano de ação para as bibliotecas e um programa de biblioteca e leitura com quatro eixos norteadores: livro, leitura, literatura e biblioteca.

O programa de biblioteca e leitura foi instituído em 2006 e é uma iniciativa da Seduc para contribuir com as políticas públicas de leitura da cidade. Ao longo desses anos, várias ações foram desenvolvidas para possibilitar o acesso à leitura, formação continuada de leitores e promoção de práticas leitoras. Esse programa tem os seguintes objetivos:

- fomentar a leitura e a escrita no cotidiano escolar;

- tornar efetivos os serviços e as atividades desenvolvidas nas bibliotecas escolares, visando à sua integração à proposta pedagógica da escola para contribuir com a aprendizagem dos estudantes;
- realizar formação continuada dos profissionais da educação por meio de subsídios teóricos e práticos;
- buscar parcerias com grupos públicos intersetoriais;
- promover eventos literários que despertem o gosto pela leitura;
- levar o estudante a frequentar a biblioteca e outros espaços de leitura, como lugares do saber.

Há também por parte da Seduc um plano de ações para as bibliotecas escolares da cidade de Contagem. As propostas alinham-se a três objetivos do Plano Nacional do Livro e Leitura, assim como as linhas de trabalho estabelecidas para o Programa de Biblioteca e Leitura da Seduc pressupõem a democratização do acesso (livro, leitura, literatura, biblioteca), a formação de mediadores para incentivo à leitura e a promoção de práticas de leitura.

Nesse sentido, a organização do plano de ação para as bibliotecas escolares orienta-se pelos princípios da Política Educacional do Município, com vistas à melhoria da aprendizagem dos estudantes. As práticas realizadas pelas bibliotecas poderão ser avaliadas nas unidades escolares por meio da observação direta da comunidade escolar, assim como pela leitura do Relatório Semestral de Atividades, que deverá ser elaborado individualmente pelo(s) profissional(is) de biblioteca em exercício. Durante a execução das ações, o Programa de Biblioteca e Leitura poderá redirecioná-las a fim de torná-las mais qualitativas, mantendo-se, entretanto, o objetivo central do planejamento, de promoção da leitura, do livro, da biblioteca e da literatura no espaço escolar como elemento contribuinte à aprendizagem dos estudantes.

Entre essas metas existem atividades específicas que cada auxiliar de biblioteca deve realizar nas escolas, tais como:

- Disponibilizar as obras do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) e do PNBE;
- Organizar as obras por kits 1º, 2º e 3º anos;
- Distribuir as obras aos estudantes e aos professores;
- Conferir as obras, carimbá-las e numerá-las;
- Realizar empréstimos;
- Propor ações que integrem o trabalho da biblioteca ao currículo escolar;

- Buscar parcerias com professores, pedagogos e dirigentes a fim de promover a integração real da biblioteca à proposta pedagógica;
- Organizar atividades como hora do conto, mural li e recomendo, encontro com escritores, roda de leitura e outros;
- Desenvolver habilidades de pesquisa e utilização da biblioteca;
- Orientar a comunidade escolar para a localização de materiais no acervo, assim como na utilização dos recursos informacionais;
- Divulgar a coleção;
- Publicizar a ação das práticas de leitura;
- Buscar estruturação da proposta de integração às práticas em andamento na unidade educacional, assim como aquelas sugeridas pelo Programa de Biblioteca e Leitura;
- Verificar o cronograma de cursos e realizar a inscrição para participação de capacitação.

Percebe-se que há várias metas para o ano letivo. Observamos que o que foi proposto pela Seduc vem sendo desenvolvido de acordo com o plano de ação de 2018 e que essas práticas são demandas relativas à escolarização da literatura. Para que o trabalho nas bibliotecas escolares seja acompanhado, cada escola está sob a supervisão de uma regional. Ao todo, na cidade de Contagem, há sete regionais responsáveis pelas unidades escolares, totalizando 107 escolas.

A regional que é responsável pela biblioteca escolar pesquisada acompanha e monitora o trabalho da auxiliar de biblioteca, realizando visitas periódicas e leituras de relatórios das atividades desenvolvidas. Cada auxiliar de biblioteca é responsável por diversas atividades na biblioteca escolar, e, para que haja acompanhamento dessas ações, é necessário o preenchimento de relatórios. Sendo assim, devem ser enviados relatórios com a descrição das atividades realizadas para o seu bibliotecônomo responsável, conforme documento a seguir.

Quadro 5 – Relatório de atividades, 2018, Biblioteca

Unidade escolar: _____ Período: () 1º semestre () 2º semestre

Ordem	Ação	Período	Público	Responsável	Atendimentos e resultados

Fonte: Quadro utilizado na escola objeto da pesquisa, 2018.

Durante a entrevista com a bibliotecária responsável pela escola, foi destacado que a auxiliar de biblioteca tem que desempenhar diversas tarefas.

A auxiliar de biblioteca é responsável pela organização do acervo, digitação de todos os títulos de livros, realização e controle de empréstimos. Ela também é responsável em ajudar as professoras e pedagogas na realização de projetos literários. (BIBLIOTECÁRIA)

No Projeto Político Pedagógico da escola, a biblioteca escolar é citada na seção de alfabetização e letramento. Nesse documento é destacado o papel desse espaço na ampliação e na democratização da leitura.

Além disso, são descritas as tarefas que devem ser desempenhadas pela auxiliar de biblioteca, sendo que estas estão em consonância com as atribuições descritas pela Seduc como: organizar o espaço da biblioteca e as estantes, fazer os empréstimos de livros, registrar o acervo, realizar contação de histórias, oferecer apoio a pedagogos e professores em eventos literários e elaborar murais que estimulem a leitura dos livros. Mensalmente são feitos na escola murais em frente à entrada da biblioteca com capas de livros trabalhados em projetos ou outras estratégias de estímulo à leitura.

Figura 3 – Mural da biblioteca



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Durante as observações em campo, percebe-se que os livros são catalogados pela auxiliar de biblioteca, principalmente os que fazem parte do PNBE. Os empréstimos são registrados em um computador no Excel, não existe um programa específico para facilitar os empréstimos dos livros. Nessa planilha já constam as turmas e os nomes dos alunos, já a data da devolução e o nome do exemplar emprestado devem ser digitados pela auxiliar de biblioteca. Os livros para empréstimos estão guardados em caixas de papelão identificadas por ano, o que dificulta a visualização e a escolha dos alunos para futuros empréstimos.

Na entrevista com a bibliotecária, foi indagado quais são os critérios utilizados para a organização do acervo, e notou-se discrepância em relação à resposta da auxiliar de biblioteca.

Para nós bibliotecários que compõem o quadro da Seduc, os livros literários não devem ser restritos à faixa etária, o que acontece é que quando eles vão para a escola há uma pedagogização desses livros. As pedagogas acham que há livros apropriados para os alunos do infantil, para crianças que estão em processo de alfabetização e para os adolescentes e jovens. Por exemplo: um livro de imagens pode ser lido por todos, porém as pedagogas acham que, pelo fato de não ter escritas, ele serve somente para o infantil. Precisamos formar as pessoas envolvidas com a promoção de leituras nas escolas e promover cursos para que entendam que a leitura é algo mais amplo. Eu acredito na leitura como algo abrangente com variados livros e não para públicos específicos. Hoje a nossa dificuldade está relacionada com as verbas, muitas verbas foram cortadas pela política atual, isso afetou muito as escolas. (BIBLIOTECÁRIA)

Para Pinheiro (2006), os adjetivos “infantil” e “juvenil” são utilizados na literatura para caracterizar o público a que se destina a produção cultural. Para a referida autora, as literaturas infantil e juvenil podem ser compreendidas e submetidas como instrumentos da

pedagogia, o que gera uma inadequada escolarização. Diante disso, as literaturas infantil e juvenil tornam-se prisioneiras e cúmplices desse processo cultural de formação de leitores.

A fala da bibliotecária revela que para ela não deveriam existir livros literários adequados para faixa etária ou público específico, pois a leitura literária é a expansão do universo do leitor com variados livros. Pinheiro (2006) revela que a literatura infantil torna-se prisioneira desse processo quando há um público destinado para as leituras literárias infantil e juvenil.

Nóbrega (2003) traz a ideia de que o acervo da biblioteca representa a ideia de lugar e de ação com variados textos como uma apropriação pela leitura das múltiplas possibilidades existentes e não há um único caminho que pode ser apresentado pela via tradicional da educação e da organização da biblioteca. A pluralidade de acesso à leitura e a possibilidade de ir ao estoque dos livros ou às prateleiras para escolher o exemplar trazem a ideia da construção de um leitor que tem liberdade de escolha e faz da biblioteca um espaço de produção cultural de conhecimento.

Reportando novamente a Nóbrega (2003), sobre a etimologia da palavra “biblioteca”, que significa caixa de livros, existe no inconsciente das pessoas uma imagem pertencente a esse espaço de um lugar do silêncio, da organização fruto de uma escolarização repressora. Entretanto, o acervo de uma biblioteca deve ser organizado para que as próprias crianças tenham acesso a ele, pois as possibilidades de construção do conhecimento acontecem com a diversidade de livros, a liberdade de escolhas e as trocas constantes ocorridas entre seus pares e com os mediadores. Pode-se também considerar que há critérios pessoais para a escolha dos livros, por isso não é adequado separar os livros literários utilizando critérios pedagógicos para a organização do acervo da biblioteca escolar.

A escola pesquisada também conta com uma contadora de histórias (uma professora em readaptação funcional) que auxilia as crianças com deficiências e também realiza o trabalho de contação de acordo com as demandas da coordenadora pedagógica. Nos documentos da Seduc analisados, há um projeto intitulado “Trilhas da história” referente às contações de histórias nas unidades escolares. Esse projeto visa incentivar os estudantes a conhecerem a leitura literária, tornando-a um hábito, compartilhar histórias diversas e enriquecer o repertório simbólico dos estudantes. Esse projeto foi ofertado durante o ano letivo somente para os alunos do primeiro e do segundo ano, e as obras contempladas são do acervo do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), bem como do Programa Nacional de Biblioteca escolar (PNBE).

Durante o período em campo, não houve “contação” de histórias referentes a esse projeto na biblioteca escolar para as turmas destinadas. Ao ser questionada sobre esse projeto,

a auxiliar de biblioteca informou que a “contação” de histórias ocorreu somente para as turmas de primeiro e segundo ano, no início do ano letivo.

A contação de histórias cria a possibilidade do leitor de se aproximar do livro literário a partir do desejo proporcionado pela transmissão oral da história utilizando recursos variados e diferentes estratégias. Diante disso, o gosto de ler não passa apenas pela obrigação, mas pelo contato amoroso e prazeroso que possibilita a “contação” de histórias. Por isso, o papel do mediador de leitura na biblioteca escolar é imprescindível para leitores em formação, pois ele conduz as crianças aos livros por prazer e não por obrigação.

Outro projeto proposto pela Seduc é “O dia B da biblioteca”. Essa iniciativa tem como propósito o desenvolvimento de uma ação simples e imediata, porém significativa, no sentido de ampliar a visibilidade da biblioteca no contexto escolar, bem como discutir e refletir sobre sua importância como espaço sociocultural e de construção do conhecimento. Essa ação é desenvolvida junto a estudantes e educadores das unidades escolares em uma data específica em todas as escolas municipais, desde a educação infantil até o ensino fundamental.

4.4 Práticas de leitura literária

Durante o período de observação da turma de terceiro ano, foi possível identificar, nas atividades realizadas na biblioteca, dois tipos de práticas de leitura literária. O primeiro refere-se às práticas que possuem como principal objetivo a alfabetização dos alunos, e o segundo, às que têm como objetivo despertar o prazer de ler e promover o letramento literário.

As práticas presenciadas na biblioteca e mediadas pela professora foram quatro: sacola literária, rodas de leitura, narração de histórias e projeto “Pequeno príncipe”. A auxiliar de biblioteca mediu somente a prática intitulada “O dia B da biblioteca”, uma atividade solicitada pela Seduc. As duas primeiras mediações – Sacola literária e Rodas de leitura – realizadas pela professora estão relacionadas à alfabetização e aos fins utilitário-pedagógicos. Já os projetos “Pequeno príncipe” e “O dia B da biblioteca” e a narração de histórias podem ser caracterizados como atividades que têm como objetivo despertar o prazer de ler e promover o letramento literário.

4.5 Práticas de leitura literária com fins utilitário-pedagógicos

A atividade Sacola literária, desenvolvida durante um semestre, iniciou-se na biblioteca escolar em março. A cada semana, um aluno apresentava para os colegas um livro de literatura de que mais gostou e fazia um registro no caderno coletivo da turma, preenchendo uma ficha com os seguintes itens: nome do livro, autor, ilustração e a parte preferida da história. Conforme relato da professora, essa atividade teve como objetivo verificar o nível de fluência na leitura dos estudantes e a compreensão do texto lido. Pode-se observar que o modelo de ficha utilizado segue um roteiro predeterminado que não estimula a criatividade. Na oportunidade, foi observado que a professora estava preocupada com o nível de leitura dos estudantes, pois havia uma estudante que ainda não lia. Os demais alunos apresentavam uma leitura silabada e sem compreensão do sentido dos textos.

Durante o período de coleta de dados, a atividade iniciada na biblioteca escolar foi transferida para a sala de aula devido à interdição da biblioteca por um período de dois meses. Esse espaço passou a ser utilizado para depósito e entrega de kits escolares e uniformes. Os kits, doados pela prefeitura mediante a assinatura dos pais, são compostos por livros didáticos, cadernos, lápis, borracha e mochila. A auxiliar de biblioteca foi incumbida, durante esse período, de entregar os kits para os pais ou responsáveis, passando o dia na biblioteca entregando-os e preenchendo formulários. Dessa forma, observa-se que houve um desvio de função da auxiliar de biblioteca. Além disso, esse espaço deixou de cumprir seu papel de formador de leitores, passando a ser um depósito de materiais escolares. Os alunos só iam à biblioteca para fazer empréstimos de livros no horário do recreio.

Como o interesse da pesquisa são as práticas dos mediadores na biblioteca, acompanhamos apenas as atividades realizadas nesse espaço, ou seja, dois dias de atividades. Foi observado que as escolhas dos livros pelos alunos pautaram-se no contato com a experiência leitora dos anos anteriores em que a professora havia promovido em sala de aula um teatro e uma contação de histórias, conforme relatado por um dos alunos:

Eu escolhi esse livro para apresentar (a criança mostrou a capa do livro), porque no primeiro ano eu fiz um teatro com ele e foi muito legal, eu nunca vou esquecer! Por isso eu quis contar essa história, eu tenho dois colegas novatos que não conhecem essa história. (ALUNO)

A professora organizou as crianças na biblioteca e pediu para que os alunos se sentassem no tapete em roda para que o estudante realizasse sua apresentação. O aluno recontou a história do livro *Bruxa, bruxa, vem a minha festa*, de Arden Druce, com ilustrações de Pat Ludlow e tradução por Gilda Aquino. Percebe-se que o estudante tem tanta afeição pelo livro que já havia decorado a história, ou seja, fez a apresentação sem lê-lo ao público. Ao final, ele apresentou o caderno coletivo da turma e leu a ficha literária.

Nota-se que a mediação realizada em anos anteriores com as crianças trouxe um reflexo nas práticas de leitura atuais. Na biblioteca, essa obra está entre as mais emprestadas e citadas pelas crianças, conforme o Quadro 3, referente aos empréstimos de livros. Esse livro foi escolhido por ele porque a professora fez um teatro com toda a turma no primeiro ano, e em seu relato observa-se que ele queria contar a história para os colegas de sala, pois tinha dois alunos novatos que eram do turno da manhã e não conheciam o livro. Observou-se, na contação de história feita pelo aluno, a presença de uma memória afetiva.

Petit (2010), ao apresentar pesquisas sobre as leituras realizadas por jovens da periferia francesa e sobre a relação deles com a escola, descreve que o papel do mediador de leitura na formação de novos leitores pode influenciar destinos, proporcionando mudanças na forma e na compreensão do mundo. Ela considera também que o mediador é um sujeito que promove o encontro dos leitores com os livros de forma prazerosa, gerando uma hospitalidade e tornando a leitura literária um ato possível. Podemos perceber que a professora, por meio das mediações desenvolvidas em anos anteriores com a turma, conseguiu estimular nas crianças uma relação prazerosa com a literatura.

O segundo aluno apresentou o livro *Casa sonolenta*, de Audrey Wood com ilustrações de Dow Wood. A obra conta, em versos, a história “de uma casa sonolenta”, onde pessoas e animais viviam dormindo. O enredo acumulativo fascina as crianças por meio de repetições e apresenta personagens que são acrescentados a cada página. O livro apresenta ilustrações em aquarela que chamam a atenção do leitor. À medida que a atividade na casa muda, as cores das ilustrações mudam também. As ilustrações dialogam com o texto literário, compondo uma única narrativa.

A professora levou as crianças para a biblioteca no horário reservado para sua turma e orientou os estudantes a sentarem no tapete em forma circular para que o segundo aluno apresentasse sua história. Foi possível notar a motivação do estudante, sua expressão facial demonstrava satisfação e prazer em contar a história. Ele relatou, antes de iniciar a contação, que havia escolhido um livro maravilhoso, pois ele lembra do dia em que a professora contou essa mesma história na sala de forma brincante, em que os alunos acrescentavam mais

personagens. A criança contou a história usando o livro como apoio, mostrando as imagens para os colegas da turma e, ao final, apresentou o caderno coletivo da turma com a ficha preenchida. Ao ser indagado sobre o motivo da escolha da história, ele relatou que a professora, no ano anterior, havia feito uma brincadeira com o livro em sala de aula e que “era um dos melhores livros para ele.”

Observa-se que, nos dois dias de apresentação da Sacola literária, os alunos sorteados mostraram que os livros escolhidos por eles estavam relacionados com as experiências de leituras anteriores e também com as práticas desenvolvidas pela professora. Esse dado revela o quanto é importante o papel do mediador e que ele pode aproximar os leitores dos livros, gerando prazer e afeição pelas obras.

A professora relatou que trabalhou esse livro no segundo ano fazendo uma brincadeira de repetição com os alunos durante a contação de histórias. Percebe-se que a atividade que dá prazer às crianças não são esquecidas facilmente por elas. Essa prática pedagógica influencia e direciona as escolhas dos livros, como foi discutido anteriormente, devido ao prazer proporcionado e pela relação de afeto com a obra. A criança, ao relatar que nunca iria esquecer esse livro, teve uma experiência positiva de encantamento.

Como já destacamos, Lajolo (2003, p. 44) retrata que a literatura é uma porta para variados mundos que nascem das várias leituras que se faz. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura em cada um.

Podemos considerar que a criança, ao apresentar a Sacola literária, demonstrou que sua história de leitura ficou marcada pela vivência positiva que teve no ano anterior de escolarização. Essa atividade, com fins, a princípio, utilitário-pedagógicos, despertou o interesse dos alunos pela leitura ao proporcionar a esses estudantes o momento de compartilhar suas leituras com a turma.

É importante destacar que, após essa atividade, os livros da biblioteca mais emprestados para a turma foram os dois compartilhados na Sacola literária. Isso nos mostra que, com essa atividade, as crianças passam a exercer o papel de divulgadores dos livros literários, indicando ou estimulando a leitura das obras por elas selecionadas. Tal aspecto pode ser considerado um viés para a promoção do letramento literário, pois, ao mesmo tempo em que a atividade era voltada para fins escolares, com o preenchimento da ficha, ela trouxe aos alunos o prazer de compartilhar suas experiências leitoras, estimulando os colegas de turma a realizarem a leitura dos livros apresentados.

Após a entrega dos kits e dos uniformes, encerrada apenas no mês de abril, os alunos do terceiro ano voltaram a frequentar semanalmente a biblioteca, de acordo com o horário estabelecido. Nesse período os alunos faziam empréstimos de livros em seu horário de biblioteca e realizavam rodas de leitura livremente com seus pares. Nesse momento, a professora fazia intervenções com as crianças, verificando a desenvoltura da leitura individualmente e preenchendo uma planilha com dados referentes ao nível de fluência de cada criança, conforme o quadro a seguir. O objetivo era verificar se os alunos apresentavam uma leitura adequada para o terceiro ano.

Quadro 6 – Avaliação de leitura e interpretação oral

Nome: _____ Data: ____/____/____

Leitura	Sim	Não	Observações
Com fluência			
Com entonação			
Silabada			
Soletra fonema			

Interpretação oral	Respondeu	Não respondeu	Observações
Qual é o assunto do livro?			
Quem são os personagens?			

Fonte: Quadro utilizado na escola objeto da pesquisa, 2018.

Durante algumas semanas, essa prática foi recorrente na biblioteca e a mediação com os estudantes não ocorria da forma esperada. Ao todo, foram utilizadas oito aulas na biblioteca para a realização do diagnóstico de leitura da turma. A professora solicitava aos estudantes que escolhessem um livro literário, entre os que estavam sobre a mesa da biblioteca, e pedia silêncio, pois iria “tomar a leitura dos estudantes individualmente”. Em média, por aula, ela conseguia avaliar somente três alunos por dia, pois pedia para que cada um lesse o livro todo e fazia perguntas referentes à leitura das crianças, fazendo anotações sobre a fluência dos alunos na leitura e a interpretação do texto realizada por eles. Essas observações, preenchidas na ficha citada (Quadro 6), faziam parte da avaliação de leitura solicitada pela supervisão pedagógica e seriam enviadas para a Seduc.

Desse modo, as práticas de leitura presenciadas no espaço da biblioteca e descritas fazem uma articulação da leitura literária para atender aos seus fins utilitário-pedagógicos, pois o objetivo inicial da instituição era avaliar a leitura e a habilidade de compreensão dos alunos. Estimular a leitura e planejar o desenvolvimento das competências leitoras faz parte do papel

da escola, mas como desenvolvê-las de maneira adequada é tarefa do professor, e isso envolve a formação de mediadores de leitura conscientes do seu papel.

4.6 Práticas de leitura literária que promovem o letramento literário

Como já foi destacado, são três as práticas de leitura que possibilitaram a promoção do letramento literário: Uma delas foi realizada pela auxiliar de biblioteca, em parceria com os alunos, intitulada “O dia B de Biblioteca”. Essa atividade foi proposta pela Secretaria de Educação de Contagem, e cada unidade escolar deveria realizar uma prática que promovesse a leitura literária, despertando o gosto pela leitura.

A realização do “Dia B da biblioteca”, na escola, aconteceu a partir da criação de um “Jardim poético”. Para realizar o “plantio” das poesias, as crianças selecionaram, em vários livros da biblioteca, trechos ou “mudas” poéticas que foram lançadas em um mural jardim, para a apreciação de todos. Para motivá-los na realização da atividade, a professora fez uma mediação oral para os estudantes do livro *A maior flor do mundo*, de José Saramago. A professora, no momento da apresentação do livro, explorou com as crianças as imagens para a construção de uma história coletiva com a turma.

Após a narração motivacional, a assistente de biblioteca explicou qual seria a atividade referente ao dia da biblioteca e informou que ela seria exposta no mural da escola, formando um grande jardim poético. Durante a ação de escolha dos textos, foi discutido com os estudantes o que caracteriza uma poesia e que ela pode “alimentar nossa alma”, “temperar o dia” ou “acalentar os corações”. Os estudantes entusiasmaram-se pelo tema, percebendo a força da poesia presente no dia a dia e nas brincadeiras com as palavras. A atividade ocorreu de forma prazerosa e gratificante, o que pôde ser percebido a partir de gestos e expressões faciais de cada aluno.

Figura 4 – Confecção do Jardim poético



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Como já destacado, segundo Corrêa (2016), a leitura literária é uma forma de se trabalhar a literatura por meio do envolvimento emocional e cognitivo do estudante com a história, proporcionando a experiência estética. Essa experiência consiste no contato e em um envolvimento do sujeito leitor com a obra literária de maneira que ele aprecie o objeto artístico, o que contribui para a formação das preferências do leitor.

Numa segunda atividade, a professora realizou na biblioteca uma narração do livro *As doze princesas dançarinas*, de Rachel Isadora e traduzido por Isabel Aleixo, pois a turma estava estudando em sala de aula as características de um conto clássico. Nesse clássico um rei precisa descobrir o segredo das suas 12 filhas, visto que os sapatos das princesas eram gastos rapidamente todas as noites. Procurando saber mais sobre essa obra, pois conhecia esse conto através do filme “Barbie e as doze princesas”, descobri que o conto é alemão e foi originalmente publicado pelos irmãos Grimm.

Durante a narração, a professora utilizou a entonação adequada e fazia vozes para os personagens, conseguindo envolver os alunos com a narrativa de modo que ficavam concentrados e em silêncio, também apresentava algumas imagens do livro para as crianças. Após a narração, ela abriu espaço para a discussão do livro, deixando que os alunos comentassem partes da narrativa, fazendo intervenções e produzindo inferências e extrapolações com os estudantes.

Ao final da discussão, surgiu um pedido da turma para que fosse feito um teatro a partir dessa contação de histórias. Em conversas informais com a professora, ela relatou que todos os anos realiza um teatro com sua turma. Essa atitude de autonomia dos estudantes demonstra um engajamento com a proposta pedagógica da escola e também o valor de boas práticas de letramentos na escola pública.

Para não serem utilizadas todas as aulas da biblioteca, a professora orientou os alunos a usarem o horário do recreio para os ensaios. Frequentemente, a biblioteca estava sendo utilizada para a organização do teatro. Foi possível verificar durante esse período a responsabilidade, a iniciativa e o entusiasmo das crianças na execução das tarefas. Enfim, o ensaio para a apresentação do teatro dinamizou a biblioteca na hora do recreio, deu vida a esse espaço, proporcionando outras possibilidades de uso da biblioteca.

Podemos considerar que essa atividade surgiu de uma demanda pedagógica. Durante as aulas de língua portuguesa, a professora ensinava para os estudantes as características de contos clássicos, mas a sensibilidade da professora fez toda a diferença, ao aceitar o pedido dos alunos para a realização da dramatização.

Desse modo, existem várias formas de incentivar a criança a gostar de ler e criar o hábito da leitura. A professora pode ser considerada um elo de ligação entre as crianças e a leitura literária, pois ela tem o papel de estimular e ampliar o potencial dos leitores utilizando diferentes estratégias.

Figura 5 – Dramatização da história



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

De acordo com Gomes e Bortolin (2011, p. 164), a mediação da leitura literária pode ser vista como uma série de animações que envolvem várias atividades tais como hora do conto, dramatização, roda de histórias, encontros com escritores, murais de exposição, banco de trocas, entre outros. Essas atividades podem despertar na criança a curiosidade sobre o mundo da literatura infantil, com histórias fantásticas que contribuem para melhor compreender a vida e também adquirir o gosto pela leitura.

O teatro é uma forma de buscar a representação dos textos lidos e também de incentivar a leitura, pois o aluno percebe que, para simular um texto, ele precisa ter a história em mente. Além disso, é uma forma prazerosa de aprender e ampliar o vocabulário e a desinibição.

Diante dessa atividade, percebe-se o prazer das crianças em apresentar a história e a importância do papel da professora para que os estudantes conhecessem o mundo encantado dos livros, ampliando seu potencial imaginativo e criativo. O mais importante foi que a escola abriu espaço para esse tipo de trabalho juntamente com a biblioteca.

Um terceiro projeto denominado Pequeno Príncipe tinha como intenção resgatar os valores que são indispensáveis à formação humana, estimulando as crianças nas atitudes de respeito pelos outros e na boa convivência em meio à diversidade e às diferenças. Entre os objetivos do projeto, privilegiaram-se a valorização da amizade, as virtudes que são indispensáveis à formação da pessoa, a promoção do gosto pela literatura, o desenvolvimento da criatividade e as diversas formas de representação e expressão. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a temática da pluralidade e a diversidade são abordadas.

A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela. Singularidades presentes nas características de cultura, de etnias, de regiões, de famílias são de fato percebidas com mais clareza quando colocadas junto a outras. A percepção de cada um, individualmente, elabora-se com maior precisão graças ao Outro, que se coloca como limite e possibilidade. (BRASIL, 1997)

A escola, como instituição pública, é cobrada para trabalhar as habilidades de convivência e respeito às diferenças, mesmo que isso represente uma contradição com o papel da literatura na escola, como, por exemplo, a questão relativa à sexualidade, ao bullying e à questão de gênero, vistas atualmente como um problema a ser abordado na escola.

Para Pinheiro (2006), a literatura na escola acaba sendo reduzida a um dispositivo que tem como finalidade fazer com que os indivíduos pensem e se comportem de uma determinada maneira na sociedade. O texto literário acaba sendo interpretado como uma reprodução do mundo real. A leitura literária deve estar associada à reflexão, ao rompimento do nosso olhar do cotidiano, ou seja, o leitor não tem a obrigação de ler uma obra como se fosse a sua vida e manter um padrão de comportamento que é o ideal na sociedade.

A contribuição da referida autora nos revela que a escola tenta de alguma forma fazer com que os estudantes apresentem um comportamento que seja adequado para a

sociedade. Esse tipo de prática utilizada pela escola com embasamento literário reduz e tenta manter um modelo que seja ideal para os ambientes de convivência da criança.

Como primeira atividade do projeto, os alunos foram assistir à peça *O pequeno príncipe* no Teatro Alterosa. A peça teatral conta a história de um aviador, que, após uma pane em seu avião, acaba parando no meio do deserto. Perdido e tentando fazer com que sua aeronave voltasse a funcionar, ele é surpreendido por um menino com roupas estranhas, cabelo da cor de trigo e que o enche de perguntas. O aviador, então, o chama de Pequeno Príncipe. O príncipezinho começa uma amizade com o aviador e aos poucos vai contando sua história, conquistando o público pela sua ingenuidade e, ao mesmo tempo, sabedoria.

Os alunos ficaram motivados com a ida ao teatro e se encantaram pela obra, pois não a conheciam. Após essa atividade, foi observado que a turma do terceiro ano, espontaneamente, começou a verificar na biblioteca se o livro *O Pequeno Príncipe* estava disponível para empréstimo. Na biblioteca havia somente três exemplares, e houve uma disputa acirrada entre os alunos, a tal ponto que a professora teve que fazer uma fila de espera para o empréstimo do livro. Esse movimento na biblioteca foi crescendo de maneira que todos os alunos desejavam realizar o empréstimo do livro. Um aluno da turma tinha o livro em casa e se prontificou a emprestar a obra para os colegas, pois já havia feito a leitura.

A professora usou uma estratégia para que todos tivessem acesso ao livro. Ela dividiu a turma em quatro grupos com seis crianças em cada e pediu para que cada integrante do grupo lesse três páginas por vez, de modo que todos participassem da leitura compartilhada e tivessem acesso à narrativa.

De acordo com Paulino (2007), a leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. Para a autora, o gosto e o sentido da leitura podem ser construídos quando há uma interatividade na ação do leitor com o texto lido, estabelecendo uma espécie de diálogo. Esse diálogo foi estabelecido entre o objeto livro, teatro e filmes que foram exibidos para as crianças, e o prazer em ter contato com a obra na biblioteca era percebido nas expressões faciais.

Foi aberto também um espaço para o debate da obra, e a professora trouxe algumas expressões para serem trabalhadas em tiras de papel coloridas, gerando ricas discussões. Percebe-se pelas frases retiradas do livro que ela pretendia que o leitor buscasse em seu conhecimento de mundo elementos para fazer inferências e extrapolações. São exemplos das frases: “As pessoas são solitárias porque constroem muros ao invés de pontes”, “É loucura odiar

todas as rosas porque uma te espetou”, “Para todo fim um recomeço”, “Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”.

Durante as observações das aulas na biblioteca, houve a participação de uma menina que, segundo a professora, era a aluna que ainda não sabia ler. Nas discussões propostas, essa menina apresentava boas argumentações mostrando uma leitura de mundo ampla, enquanto outras crianças que eram alfabéticas e apresentavam leitura fluente não conseguiam fazer relação com o assunto abordado.

Crianças o que vocês entenderam sobre a frase: As pessoas são solitárias porque constroem muros ao invés de pontes? (PROFESSORA)

Eu acho que às vezes a gente cria confusão com as pessoas e ficamos longe, isso pode ser um muro que afasta a gente das pessoas, a ponte é tipo assim... É um lugar fácil de passar, largo, grande e pode passar muita gente e podemos conviver com essas pessoas e criar amizades e ajudar os outros. (ALUNA)

Ainda é válido destacar que essa aluna era a que mais preocupava a professora em relação ao desenvolvimento da leitura e às hipóteses de escrita. Ela apresentava muita dificuldade e ainda não lia, apesar de estar no terceiro ano. Mediante a resposta da menina, percebe-se que a estudante tem um conhecimento de mundo e maturidade que os demais alunos não apresentavam em suas respostas.

Na sessão anterior de práticas com fins utilitário-pedagógicos, a professora relata sua preocupação com a estudante e na entrevista também.

Lá na sala de aula, eles têm uma biblioteca de sala com vários livros. Eles terminam a atividade e vão ler. Aqui também eles leem e levam os livros para casa, só me preocupa uma aluna que ainda não lê, às vezes acho que ela tem déficit de atenção. (PROFESSORA)

De acordo com Freire (2000), quando esse referido autor aborda a questão da insistência do professor para que os estudantes “leiam” num semestre um sem-número de capítulos de livros, nota-se a compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler.

Percebe-se no relato da professora uma ansiedade de fazer com que a aluna leia no tempo escolar em que é proposto, porém, quando se trata de desenvolvimento infantil, podemos considerar que existem uma série de fatores: relações sociais, culturais, estímulos e outros que

interferem nesse processo. Cada criança tem seu ritmo de desenvolvimento, por isso, reportando a Freire (2000), podemos considerar que às vezes nossa compreensão do ato de ler pode ser errônea se considerarmos esses fatores. O tempo escolar não é o mesmo tempo de desenvolvimento das crianças, algumas exigem um período maior para a aprendizagem.

Nesse sentido, a ativação de conhecimento de mundo é uma estratégia que o leitor pode apresentar. Essa estudante utilizou o seu conhecimento de mundo, mesmo não dominando a alfabetização enquanto técnica de leitura. Além disso, pode ser identificado também o conceito de “andaime” citado no capítulo um, que pode ser entendido como uma estratégia de mediação realizada pelo professor, por meio de interações entre os estudantes, como a de se ouvirem e ratificarem mutuamente as trocas de respostas.

Pode-se afirmar que a aluna que preocupava a professora por não apresentar habilidades consolidadas de leitura para o ano que cursava possuía argumentos e habilidades que extrapolavam os que os demais alunos que eram alfabetizados apresentavam em suas respostas durante as mediações. A função da leitura literária é fornecer instrumentos para o leitor conhecer e utilizar as habilidades necessárias para uma viagem ao mundo da leitura que é feita de linguagem, imagens e símbolos.

Na segunda etapa do projeto, as aulas da biblioteca ainda ficaram mais atrativas sendo proposto aos estudantes a exibição do filme do Pequeno Príncipe. A cada momento de exibição do filme, havia uma discussão sobre o assunto abordado, com perguntas norteadoras tais como: Qual a mensagem do filme? Qual a relação de alguma cena com fatos do nosso dia a dia? Quem são os personagens principais? De qual parte você mais gostou? Qual a semelhança do teatro com o livro? Qual parte se relaciona com o filme e com a nossa vida?

De acordo com Colomer (2010, p. 56), a maioria dos livros para as crianças potencializa a leitura através de protagonistas infantis que levam a cabo ações muito parecidas com as do leitor em sua vida real. Várias vezes esses protagonistas se convertem em personagens de séries, o que agrada aos pequenos, pois torna mais previsíveis as histórias e amplia o contato com seus personagens prediletos. A ampliação da experiência cultural dos estudantes pode ser promovida nesses momentos em que a escola proporciona a possibilidade de multiplicar ou expandir a experiência do leitor através da vivência dos personagens e a oportunidade de explorar a conduta humana de um modo compreensível. A literatura pode permitir diferentes formas de expressar a realidade de um modo artístico e humano.

Diante da atividade cultural que os alunos participaram e também da sessão cinema na escola, houve uma grande motivação para dar continuidade ao projeto em sala de aula, com produções de materiais para exposição, já que haveria uma culminância com a participação das

famílias. Entre essas atividades, os alunos fizeram mensagens para as famílias relacionadas aos valores aprendidos com o projeto, confeccionaram árvores dos sonhos, cantaram, declamaram poemas, expuseram os trabalhos realizados e realizaram uma feira de troca de livros.

Figura 6 – Árvore dos sonhos



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Durante o projeto, os alunos mostraram prazer em realizá-lo diante da variedade de atividades que foram desenvolvidas. Essa diversidade contribuiu para que os estudantes mantivessem a motivação, permitindo diferentes formas de relacionar a literatura, o teatro, o filme com tudo o que foi discutido.

A culminância do projeto foi realizada em um sábado letivo e foi aberta à comunidade escolar com a visita dos familiares. Houve uma grande participação da família no evento da escola.

Figura 7 – Participação da família



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

As atividades representam a ampliação das fronteiras escolares com o mundo letrado. Os livros, a arte e a literatura têm o poder de transportar o leitor no tempo e no espaço, de levá-lo a uma viagem proporcionada através da leitura e proporcionar o prazer de extrapolar e ler o mundo nas entrelinhas.

O uso de vários recursos nas atividades desenvolvidas no projeto proporcionou diferentes modos de significação e interpretação das obras utilizadas. As formas visuais do teatro e do cinema são formas em movimento. O filme pode ser considerado um grande contador de histórias e o teatro também, no qual as pessoas recontam as histórias no palco.

De acordo com Cosson (2016, p. 30), na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque é prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura, instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem. Para o autor, a leitura literária é responsável por fornecer instrumentos necessários de articulação com a leitura de mundo, ou seja, o leitor vai passar pela experiência com os textos literários e dará sentido ao mundo por meio de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

O projeto Pequeno Príncipe mostra que essa experiência com o literário transcendeu o espaço da escola assim como as atividades extrapolaram os modelos tradicionais, houve conexões feitas entre o teatro, o filme e o livro lido na biblioteca escolar. Além disso, os trabalhos escolares que ficaram expostos abrangeram artes, música, poemas e produções de textos.

Percebe-se nessas práticas relatadas que a escola proporcionou às crianças o desenvolvimento de um capital cultural, pois foram ao teatro, assistiram a um filme, fizeram empréstimo da obra *O pequeno príncipe* na biblioteca e produziram textos para as famílias.

Figura 8 – Produções de texto



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

As crianças da turma pesquisada são leitores desejantes de saberes e novas histórias, pois o empréstimo de livros literários referente ao projeto surgiu deles de maneira espontânea. As vias de acesso propostas pela escola para a execução do projeto contribuíram para a promoção do letramento literário a partir do momento em que os estudantes não ficaram só interpretando textos voltados para fins utilitário-pedagógicos.

Os textos literários estiveram presentes em diversos gêneros e espaços, como a peça teatral, a discussão das tirinhas e o filme sobre *O pequeno príncipe* assistido pelos alunos. De acordo com Lajolo (2008, p.106), a leitura literária também é fundamental. É a literatura, como linguagem e como instituição, que consolida os diferentes imaginários, as sensibilidades, os valores, os desejos e os comportamentos. Para o indivíduo exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente.

Acreditamos que essas atividades despertaram o interesse dos alunos pelos textos literários, tendo, portanto, grande possibilidade de favorecer o desenvolvimento do letramento literário. Esse é um caminho que pode ser promovido pela instituição escolar: apropriação de práticas culturais da leitura literária que aproximem as crianças dos livros. Esse projeto nos mostra que a escola pode dedicar mais atenção à leitura de obras literárias integrais, em vez de investir no trabalho com habilidades leitoras desintegradas. As práticas anteriores mostram que é possível promover a relação entre a literatura com outras artes e com outras disciplinas.

Por outro lado, é importante destacar que o trabalho dos mediadores é essencial para aproximar as crianças das obras literárias gerando prazer ao realizar uma leitura literária e, além disso, criando o hábito de leitura. Portanto, a simples disponibilização de livros na biblioteca não garante a formação de leitores competentes, pois é necessária uma política sistemática na efetiva formação de mediadores. A leitura literária não deve ser vista como uma a mais entre tantos tipos de leituras existentes na escola, e o papel do mediador deve ser desempenhado quando os professores tiveram consciência real da sua função na escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi proposta uma análise de como as ações dos mediadores de leitura na biblioteca escolar contribuem para a formação de leitores literários. Os objetivos específicos deste estudo foram: descrever e analisar as ações realizadas pelos mediadores de leitura na biblioteca escolar; descrever o envolvimento dos alunos com as ações de mediação realizadas na biblioteca e identificar como é feita a seleção dos livros pelos alunos.

Há vários modos de contribuir para que tenhamos cada vez mais novos leitores. A formação de mediadores é importante, haja vista que estes podem ser pontes que ligam os estudantes às obras literárias. A escola, enquanto instituição de letramento, pode fazer bem mais se houver uma diversificação das atividades de leitura literária, um diálogo com as professoras e uma biblioteca com participação efetiva dos alunos na troca de conhecimento, além de projetos de leituras e participação da comunidade. Costumo refletir sobre minhas práticas em sala de aula e na biblioteca escolar e percebo o quanto podemos dinamizar os trabalhos e ser um exemplo de leitor para nossos alunos.

Acredito que a leitura literária contribui para a formação do pensamento crítico, podendo, assim, ser um caminho para melhorarmos o nível de aprendizagem dos alunos. Atualmente, em muitos momentos, está faltando sensibilidade para perceber o mundo, e a literatura possibilita caminhar e se colocar no lugar do outro. Por isso, fazer da leitura literária parte primordial da prática cotidiana é despertar nos alunos o desejo de ler por prazer.

A pesquisa retratou como as ações dos mediadores contribuem para a formação de leitores literários. Observa-se que as ações da professora em alguns momentos tiveram fins utilitário-pedagógicos.

O ato de “tomar a leitura” dos estudantes para verificar o nível de fluência fazia com que os alunos lessem mecanicamente e não era possível fazer discussões relacionando o tema lido com aspectos do cotidiano, já que todos deveriam ficar em silêncio. A representação da leitura literária de maneira pedagogizante como meios utilitaristas para identificar o nível de leitura que a criança possui é prática da escola que faz parte de uma ficha de avaliação que deve ser preenchida pela professora e enviada para a supervisão e para a Seduc.

Outro detalhe importante é que, no momento da mediação realizada pela professora, percebem-se as mesmas práticas rotineiras na exploração dos livros literários com os estudantes. Trabalha-se muito, de forma descritiva, a capa, o autor, as imagens e as

ilustrações, mas o trabalho com a inferência e a extrapolação, que são habilidades importantes, ficam a desejar.

A escola ainda está muito voltada para as práticas tradicionais de leituras orais e mediações que não contribuem para a formação de leitores críticos. Mediar só poderá ser um ato que contribui para a formação de leitores quando essas práticas forem usadas de maneira qualificada, estimulando os estudantes a pensarem na obra lida e fazerem conexões com o cotidiano.

Esse aspecto pode ser levado em consideração quando tratamos da formação de professores do ensino fundamental, pois a maioria das professoras são pedagogas mas, nos cursos de formação em educação, não há uma disciplina de literatura ou leitura literária, o que poderia qualificar e agregar valores às práticas de leitura, principalmente à literária.

A professora da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental deveria ter uma formação continuada em leitura e formação de leitores, pois todo processo de alfabetização e de leitura se inicia nos anos iniciais de escolarização. Nessa etapa de escolarização é primordial que as crianças tenham contato com a leitura literária, despertando o encantamento pelas histórias e aproximando os leitores dos livros. Posteriormente, esse contato com a leitura literária deveria ser um hábito de leitura nos fins dos anos escolares do ensino fundamental.

Podemos considerar bastante positiva a prática da professora em estimular as crianças com a contação de histórias, a promoção de teatros e as mediações que foram realizadas durante o período analisado. É válido destacar também que a biblioteca é um lugar muito frequentado por essa turma, é um local de empréstimos de livros e de leitura. Até mesmo no horário do recreio fazem uso da biblioteca com muita frequência, haja vista, que nesse momento há uma liberdade de escolha dos livros e gibis.

Esse local deveria ser visto pelos estudantes como um centro sociocultural cuja configuração pedagógica e espacial liberte os alunos de práticas tradicionais que são causadas pela escolarização inadequada da leitura literária. A partir das entrevistas realizadas com os estudantes, percebe-se que esse espaço ainda não é utilizado por eles com autonomia e liberdade, principalmente quando se trata da escolha de livros literários.

A biblioteca é vista pelas crianças e pelos mediadores como o lugar do silêncio e foi constatado que há um ritual até mesmo para entrar na biblioteca: os alunos devem se manter em fila e em silêncio. É necessário romper com a estrutura tradicional que rege as bibliotecas escolares, com a visão de que esse espaço é um depósito de livros e lugar do silêncio. Para aproximar os leitores dos livros e criar hábito de leitura, é necessário que esse

espaço seja dinamizado e facilite o acesso das crianças aos livros literários, permitindo que a escolha parta deles também e não seja de acordo com os critérios pedagógicos que a escola elaborou.

Outro ponto que pode ser abordado é que a biblioteca deve ser vista como ponto de apoio para os professores, sendo um espaço dinâmico que integre as práticas leitoras que são muitas vezes realizadas em sala de aula de forma solitária pelo professor. Desse modo, a escola pode combinar objetivos, eixos de programação, projeto político pedagógico e tipos de atividades que serão desenvolvidas na biblioteca visando à formação de leitores, prática essa que pode ser estimulada para se buscar a autonomia e a liberdade dos estudantes. Essa integração ocorreu no projeto realizado com o livro *O pequeno príncipe* e foi percebido um grande envolvimento dos estudantes nessa atividade.

Quanto ao suporte de leitura, o livro literário é o mais representado e procurado, no entanto, chama a atenção a quantidade de atividades que são realizadas na escola, como teatro, Sacola literária e o projeto do livro *O pequeno príncipe*. Há vários tipos de leitura observados na biblioteca escolar: leitura silenciosa, leitura com pares ou em grupos, leitura em voz alta. Este último é muito valorizado pela escola.

A promoção do letramento literário ocorreu no momento em que a escola se propôs a executar o projeto do livro *O pequeno príncipe*, pois houve diversas atividades culturais e toda a escola foi envolvida, ampliando o repertório cultural dos estudantes e utilizando diversos gêneros para abordar a temática. A ida das crianças ao teatro foi um acontecimento marcante para elas, pois nunca tinham ido ao teatro. O brilho nos olhos, o palco e os personagens motivaram as crianças para conhecer a obra *O pequeno príncipe* e aguçou a curiosidade e o desejo de ler o livro. Além disso, os filmes exibidos trouxeram para as discussões ampliações de ideias e de conhecimento que posteriormente transformaram-se em produções para as famílias e em trabalhos que foram expostos no dia da culminância de projetos. Essa mediação realizada durante todo o projeto gerou prazer e envolvimento por parte dos estudantes.

O maior desafio observado para o êxito do trabalho de mediação de leitura foi o perfil sociocultural dos alunos, cujas famílias não têm acesso a livros e necessitam do Bolsa Família para sobreviver. A maioria dessas crianças relataram que, em casa, têm somente o kit de livros literários que foi dado pela escola por meio das políticas públicas de nosso país e muitas têm o desejo de ler outros livros e ter gibis em suas casas, mas a família não tem condições financeiras de comprar.

A importância das políticas públicas e da escola pode ser ressaltada no que diz respeito à garantia do acesso aos livros literários aos estudantes, e a mediação realizada pode contribuir para que a leitura literária seja objeto de desejo e prazer nos alunos. Outro item que mostra a relevância

da escola pública é a democratização do ensino e o acesso à leitura como um bem simbólico para classes menos favorecidas e como forma de minimizar as desigualdades existentes em nosso país, pois os estudantes de outras classes sociais têm acesso aos bens culturais com muita facilidade, enquanto os demais, que são a maioria neste país, só terão acesso se a escola pública o proporcionar.

Vale ressaltar também que a proposta da escola traz um diferencial, pois a professora está com a turma há três anos. Essa prática proporciona aos professores um acompanhamento aprofundado com a turma, pois o ciclo da alfabetização é iniciado e encerrado por ela. Essa prática pode ser vista como algo positivo, visto que permite um acompanhamento mais sistematizado. Nos resultados da análise, foi identificado que as práticas de leitura literária que mais marcaram os estudantes estão relacionadas com os anos anteriores em que foram promovidos “contação” de histórias e teatro. Daí a importância de termos professores capazes de influenciar os estudantes, principalmente nos anos iniciais, com experiências positivas de leitura, pois esse processo inicial pode contribuir, nos anos posteriores, para a formação do hábito de leitura, se houver uma continuidade do trabalho.

Sabemos também que o ambiente letrado familiar influencia nesse processo de formação de leitores, mas ao mesmo tempo o papel da escola pública é promover a democratização da leitura, disponibilizando o acesso às obras e realizando uma mediação que seja significativa para que as crianças tomem gosto pela leitura. Por esse motivo faz-se necessário investir em políticas públicas que promovam a formação de mediadores de leitura e os cursos de formação de professor, na graduação, devem abarcar esse aspecto.

Diante disso, valorizar práticas de leituras dentro de uma realidade em que a maior parte da população brasileira se encontra e fazer do espaço da biblioteca escolar um lugar de cultura, de encontros, reencontros, recontos para que as crianças sejam estimuladas a ler livros literários, tornando-se leitores proficientes, é um ato de coragem e ousadia. A escola deve fazer sua prática com vistas a uma educação libertadora. Como dizia Paulo Freire (2000), não basta ler que “Eva viu a uva”, é preciso compreender qual posição Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. Pensar na educação que transforma os estudantes e conseqüentemente o mundo com vistas à formação de leitores críticos e não domesticados deve ser o foco da escola e também da biblioteca escolar.

Por meio das ações desempenhadas pelos mediadores de leitura, foi possível verificar, diante das práticas desempenhadas pela professora e pela auxiliar de biblioteca, que algumas foram encomendadas pela escola e a que mais se destacou ganhando visibilidade na comunidade escolar foi o projeto com o livro *O pequeno príncipe*, que estimulou a promoção do letramento literário.

Quando pensamos na escola pública e em sua relação com a comunidade, percebe-se que há uma troca de conhecimento que promove a cidadania quando as famílias são convidadas a irem à escola e participarem da vida escolar dos filhos, gerando uma aproximação entre família e escola conforme foi constatado na culminância do referido projeto.

Percebe-se que o projeto extrapolou as fronteiras da escola, trazendo aos estudantes prazer em conhecer a obra e fazer dela o objeto mais procurado na biblioteca para empréstimos. A riqueza do cotidiano da escola com o projeto pode ser percebida quando as crianças dialogaram relatando sua experiência de ida ao teatro e também após assistirem ao filme.

Vale ressaltar que de março a setembro fiquei no campo de pesquisa e a única mediação que estimulou os estudantes a pensarem e a fazerem conexões com o cotidiano foi com o livro *O pequeno príncipe*, que foi explorado na biblioteca de modo a propiciar a inferência dos estudantes sobre algumas frases havendo uma extrapolação. Entretanto, o papel do mediador vai muito além de mediar, é necessário que haja por parte da escola um planejamento da mediação que esteja também de acordo com o Projeto Político Pedagógico, pois a mediação não é uma tarefa simples quando se tem como meta formar leitores. Formar leitores vai além da aproximação dos estudantes com os livros, é bem mais profundo fazer com que a leitura torne-se hábito entre os estudantes.

Outro resultado importante desse estudo diz respeito às entrevistas realizadas com as crianças: nenhum aluno demonstrou ter autonomia em ter feito escolha de livros que não fossem colocados na mesa pela auxiliar de biblioteca e até mesmo as leituras das crianças apresentavam um grau de dependência com as práticas de leitura escolares. Ou seja, tornar-se um leitor com autonomia é ter opções de escolhas e até mesmo liberdade para ler um livro que não tenha sido trabalhado em sala de aula ou na biblioteca.

Todos os livros que os alunos pegaram emprestado estão relacionados com práticas literárias escolares propostas pela professora. Não foi observada a realização de leituras de livros escolhidos pelos estudantes e, quando alguns deles tentaram fazer suas escolhas, a auxiliar de biblioteca não permitiu. Os únicos livros que os alunos têm em casa são pertencentes ao kit literário que ganharam, pois eles não têm condições financeiras de comprar livros.

Para Freire (2000), o ato de ensinar deve ser um compromisso social de superação e transformação do sujeito em ser autônomo e reflexivo. Todavia, a educação é forma de intervenção do mundo, e a maneira pela qual nos comprometemos com ela certamente irá refletir no futuro e na construção da sociedade. Por isso, deve se ensinar com liberdade, sem perder a autoridade, estimulando a autonomia no aluno.

A autonomia na formação de leitores é essencial. A mediação ocorre na escola, porém com traços de uma educação tradicional que reproduz um ensino bancário no qual o aluno ainda é

um sujeito passivo e sem autonomia nas suas escolhas literárias. Para que o estudante tenha acesso aos livros, ele precisa da liberdade e da autonomia para poder fazer suas escolhas.

O papel do mediador é fundamental na formação de leitores. Este tem a capacidade de influenciar todo o processo e fazer a aproximação do leitor com o objeto livro, mas para isso é necessário ter clareza de seu papel e de qual é o objetivo de formar leitores, considerando que há dois modelos de educação, um para autonomia e outro para práticas da passividade, fruto de uma educação bancária e tradicional.

A ação dos mediadores de leitura deveria contribuir para as práticas de liberdade, autonomia e reflexão. Só teremos leitores críticos em nosso país quando o professor, considerado o mediador de leitura, souber do seu papel e empoderar-se dele numa visão de educação libertária que rompe com o modelo de educação tradicional que predomina ainda nas escolas brasileiras.

Por fim, o simples fato de despertar o gosto pela leitura literária nos anos iniciais do ensino fundamental não garante leitores fiéis e motivados nas séries posteriores de escolarização. A continuidade desse trabalho nessas séries é fundamental para que existam leitores autônomos e que façam da leitura literária um hábito em sua vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BNCC.**Base Nacional Comum Curricular**, 2017. Disponível em: <http://basenacional.comum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 22 maio 2019.

BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. F. **Formação do professor como agente letrado**. 3. reim. São Paulo: Contexto, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. **Lei 10.753**, 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.753.htm. Acesso em: 22 maio 2019.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei 12.244**, de 24 de maio de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007. Acesso em: 10 jan. 2018.

CECCANTINI, J. L. **Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura**. São Paulo: Global, 2009.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2010.

CORRÊA, H. T. Letramento literário na escola. In: MAGALHÃES, Tânia; CYRANKA, Lúcia (Org). **Ensino de linguagem: perspectivas teóricas e práticas pedagógicas**. Juiz de Fora: UFJF, 2016. p. 55-75.

CORRÊA, H.; FEBA, B. L. T.; JUNQUEIRA, R. Acervos de bibliotecas e formação de pequenos leitores. **Educação em foco**, São Paulo, a. 19, n. 29, p. 125-144, dez. 2016.

CORSARO, W.; MULER, F.; CARVALHO, A. M. **Teoria e prática na pesquisa com crianças**. São Paulo: Cortez, 2009.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 6. impr. São Paulo: Contexto, 2016.

CRESWELL, J. W. Cinco abordagens qualitativas de investigação. In: CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução de Sandra Mallmann da Rosa; revisão técnica de Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 67-96.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FERREIRO, E. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. Tradução de Claudia Berliner. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2000.

GOMES, L. F.; BORTOLIN, S. Biblioteca escolar e a mediação da leitura. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 157-170, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/viewFile/11962/13823>. Acesso em: 28 dez. 2018.

HALFON, D. G. **Os dias e os livros**. Tradução de Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, 2017. Disponível em: <portal.inep.gov.br/ideb>. Acesso em: 10 mar. 2019.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LAJOLO, M. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2003.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. 13. impr. São Paulo: Ática, 2008.

LYONS, M. **Livro**: uma história viva. Tradução de Luiz Carlos Borges. São Paulo: Senac, 2011.

MACKEY, A.; GASS, S. Qualitative research. In: **Second language research: methodology and design**. New Jersey/USA: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. Publishers, 2005. ch. 6, p. 162-184.

MOJICA, S. Humanidades y agenciamiento cultural hoy. La propuesta de Doris Sommer em the Work of Art in the World: Civic Agency and the Public Humanities. **Cadernos de Literatura**, v. XX, n. 39, enero-junio 2016. p. 477-481.

NÓBREGA, N. G. da. **A biblioteca e sua animação**. São Paulo: Global, 2003.

PAULINO, G. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. In: **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Universidade do Minho, v. 17, n. 1, p. 47-62, 2004.

PAULINO, G. Funções e disfunções do livro para crianças. In: PAULINO, Graça. **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: FAE/UFMG; Pelotas: Edupel, 2010.

PAULINO, G. O mercado, o ensino e o tempo: o que se aprende com a literatura que se vende? In: PAIVA, Aparecida *et al.* **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007. p. 145-154. (Coleção Literatura & Educação)

PETIT, M. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução de Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

PINHEIRO, M. P. **Letramento literário na escola**: um estudo de práticas de leitura de literatura na formação da “comunidade de leitores”. 2006. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, B. C. de. **Contos e poemas para ler na escola**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2014.

QUEIROZ, B. C. de. O professor deve ter hábito de leitura. **Revista Presença Pedagógica**, v. 13, n. 78, p. 5-9, nov/dez. 2007.

SILVA, E. T. da. Biblioteca escolar: quem cuida? In: GARCIA, Edson Gabriel (org). **Biblioteca escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. p. 27-33

SILVA, E. T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.

SILVA, V. M. T. Um farol que se acende, um olhar que se modifica. In: GOIÁS. Secretaria Estadual de Educação. Superintendência de Ensino Fundamental. **Programa de bibliotecas das escolas estaduais**. Goiânia, 2001, p. 9.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martisn; BRANDÃO, Helena Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, M. B. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2002.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica, 1999.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, 1996. Disponível em: http://wwwstatic.kern.org/filer/blogWrite44ManilaWebsite/paul/articles/A_Pedagogy_of_Multiliteracies_Designing_Social_Futures.htm. Acesso em: 10 mar. 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXO A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A PROFESSORA

1. Você poderia falar sobre sua trajetória acadêmica? Onde você estudou, que curso superior fez, como foi sua formação (trabalhava e estudava à noite)?
2. Se quiser, pode complementar com outras informações que julgar importantes.
3. Fale sobre sua trajetória profissional como professora.
4. Você já fez ao longo da sua carreira profissional cursos de capacitação ou formação continuada? Quais? Cite-os.
5. Você se considera uma leitora? O que gosta de ler? Qual tipo de livro?
6. Com que frequência você lê livros de literatura?
7. Você promove atividades para as crianças entrarem em contato com a literatura? Quais atividades? Comente.
8. Com que frequência você realiza atividades de leitura literária?
9. Quais espaços você utiliza para esse tipo de leitura?
10. Você observa em sua prática algum espaço preferido pelos estudantes para a realização de atividades literárias?
11. Como você avalia a importância da biblioteca na sua escola?
12. Você leva seus alunos para desenvolver atividades de leitura na biblioteca? Como são essas atividades? Cite-as.

ANEXO B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A AUXILIAR DE BIBLIOTECA

1. Qual é sua formação, sua idade e há quantos anos você trabalha na biblioteca?
2. Como os livros que compõem o acervo da biblioteca são selecionados?
3. Quem os seleciona?
4. Quais são os critérios utilizados na seleção?
5. Qual quantidade de livros há no acervo?
6. Quantos livros são de literatura?
7. Quais são os livros mais requisitados pelos alunos?
8. Quais atividades são realizadas na biblioteca além dos empréstimos de livros?
9. Percebi que vocês realizam uma propaganda semanal de um livro literário. Qual é o objetivo dessa propaganda?
10. Com que frequência a turma utiliza a biblioteca?

ANEXO C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ALUNOS

1. Nome e idade.
2. Toda semana você vem à biblioteca, o que gosta de fazer aqui?
3. Quais livros você costuma pegar emprestado na biblioteca?
4. Qual foi o último livro que você leu e se encantou pela história?
5. Qual livro você recomendaria para um colega? Por quê?
6. Além de pegar livros emprestados, o que mais você faz nesse espaço?
7. Você pode pegar qualquer livro emprestado? Por quê?
8. Qual foi a atividade relacionada com a leitura mais bacana que você fez na biblioteca?
Relate como foi essa experiência.